

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO XXVII – Pedi e obtereis

Índice

Capítulo XXVII – Pedi e obtereis	03
Qualidade da prece	03
Breves reflexões sobre a eficácia da prece	04
O Evangelho segundo o Espiritismo	06
Eficácia da prece	09
A prece e sua eficácia	11
A prece e o equilíbrio Espiritual	13
Pedir socorro a Jesus e trabalhar	16
Ação da prece. Transmissão do pensamento	18
No ato de orar	21
Poderosa ação!	24
Preces inteligíveis	26
A idosa, o expositor e as preces inteligíveis	27
O Espiritismo responde	29
Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores	32
O Livro dos Espíritos	34
Orar pelos mortos	37
Instrução dos Espíritos Maneira de orar	39
Por que orar?	40
O Evangelho segundo o Espiritismo	42
Felicidade que a prece proporciona	45
A prece e seus efeitos	46
Agradecimento a Deus	47

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec
Capítulo XXVII – Pedi e obtereis

1. Qualidade da prece

1. Quando orardes, não vos assemelheis aos hipócritas, que, afetadamente, oram de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas para serem vistos pelos homens. Digo-vos, em verdade, que eles já receberam sua recompensa. Quando quiserdes orar, entrai para o vosso quarto e, fechada a porta, orai a vosso Pai em secreto; e vosso Pai, que vê o que se passa em secreto, vos dará a recompensa.

Não cuideis de pedir muito nas vossas preces, como fazem os pagãos, os quais imaginam que pela multiplicidade das palavras é que serão atendidos. Não vos torneis semelhantes a eles, porque vosso Pai sabe do que é que tendes necessidade, antes que lho peçais.
(Mateus, 6:5 a 8.)

2. Quando vos aprestardes para orar, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, a fim de que vosso Pai, que está nos céus, também vos perdoe os vossos pecados. Se não perdoardes, vosso Pai, que está nos céus, também não vos perdoará os pecados.
(Marcos, 11:25 e 26.)

3. Também disse esta parábola a alguns que punham a sua confiança em si mesmos, como justos, e desprezavam os outros:

Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu, publicano o outro. O fariseu, conservando-se de pé, orava assim, consigo mesmo: “Meu Deus, rendo-vos graças por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como esse publicano. Jejuo duas vezes na semana; dou o dízimo de tudo o que possuo.”

O publicano, ao contrário, conservando-se afastado, não ousava, sequer, erguer os olhos ao céu; mas batia no peito, dizendo: “Meu Deus, tem piedade de mim, que sou um pecador.”

Declaro-vos que este voltou para a sua casa justificado, e o outro não; porquanto, aquele que se eleva será rebaixado e aquele que se humilha será elevado.

(Lucas, 18:9 a 14.)

4. Jesus definiu claramente as qualidades da prece. Quando orardes, diz Ele, não vos ponhais em evidência; antes, orai em secreto. Não afeteis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas. Antes de orardes, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, visto que a prece não pode ser agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinai os vossos defeitos, não as vossas qualidades e, se vos comparardes aos outros, procurai o que há em vós de mau.
(Cap. X, itens 7 e 8.)

Crônicas e Artigos

Nº 77 – 12/10/2008

O Consolador – (Jorge Hessen)

I. Qualidade da prece

Breves reflexões sobre a eficácia da prece

“A mediunidade curadora não vem suplantar a medicina e os médicos; vem simplesmente provar que há coisas que eles não sabem e os convidar para estudá-las; que a natureza tem recursos que eles ignoram; que o elemento espiritual que eles desconhecem não é uma quimera, e que, quando o levarem em conta, abrirão novos horizontes à ciência e terão mais êxitos do que agora.”
(1)

Existem pesquisas sobre os efeitos da prece na saúde das pessoas. Uma delas foi realizada pelo Laboratório de Imunologia Celular da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília, com a participação ativa de mais de cinquenta e dois estudantes de medicina durante o período de 2000 a 2003. A pesquisa, segundo divulgação no final de outubro, nos principais jornais do país, apresentou resultados positivos que se materializam no aumento da estabilidade celular dos indivíduos que receberam a prece.

De acordo com o estudo em foco, um dos principais mecanismos de defesa do organismo – a fagocitose (*) – pode ter a função estabilizada com preces feitas a distância. “Na análise dos cinquenta e dois voluntários, a cada semana, uma dupla fornecia amostras de sangue e respondia a um questionário sobre estresse.

Encaminhava-se uma foto do voluntário, identificada apenas pelo nome, a um grupo de dez religiosos de diferentes credos, que, por uma semana, faziam preces para aquela pessoa. Coordenada pelo professor de imunologia Carlos Eduardo Tosta, a pesquisa demorou três anos para ser concluída. (2)

A prece atua sobre indivíduos sadios, influenciando o sistema imunológico, segundo estudo pioneiro realizado no ano de 1988, no Hospital Geral de São Francisco, na Califórnia.

Nesse hospital “foi possível comprovar que os pacientes que receberam preces apresentaram significativas melhoras, necessitando inclusive de menor quantidade de medicamentos”. (3)

Para nós, espíritas, ela se reveste de características especiais, pois “a par da medicação ordinária, elaborada pela Ciência, o magnetismo nos dá a conhecer o poder da ação fluídica e o Espiritismo nos revela outra força poderosa na mediunidade curadora e a influência da prece”. (4)

Allan Kardec, ao emitir seus comentários na questão 662 de O Livro dos Espíritos, afirma que “o pensamento e a vontade representam em nós um poder de ação que alcança muito além dos limites da nossa esfera corporal”. (5)

A rigor, “a eletricidade é energia dinâmica; o magnetismo é energia estática; o pensamento é força eletromagnética”. (6)

Considerando-se a propriedade do fluido magnético para que nos influenciemos mutuamente, e “reconhecendo-se a capacidade do fluido magnético para que as criaturas se influenciem reciprocamente, com muito mais amplitude e eficiência atuará ele sobre as entidades celulares do Estado Orgânico – particularmente as sanguíneas e as **histiocitárias** –, determinando-lhes o nível satisfatório, a migração ou a extrema mobilidade, a fabricação de anticorpos ou, ainda, a improvisação de outros recursos combativos e imunológicos, na defesa contra as invasões bacterianas e na redução ou extinção dos processos patogênicos” .

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXVII)

Muito se tem dito a respeito da prece, mas muito pouco ainda conhecemos do seu mecanismo de funcionamento. Por isso mesmo, pouco a valorizamos, e por vezes até a esquecemos. É até um procedimento compreensível, uma vez que o Espiritismo é uma Doutrina relativamente jovem, com aproximadamente 150 anos, e a análise de seus aspectos científicos requer conhecimentos básicos, sem os quais não entenderíamos as suas explicações, precisaríamos, então, ter noções de Física, Ciências, Biologia, fluidos, magnetismo, eletromagnetismo, eletricidade, telecomunicações etc. Mas, uma coisa é clara, a prece não pode mudar a natureza das provas pelas quais o homem tem que passar, ou até mesmo desviar-lhe seu curso, e isto porque elas estão nas mãos de Deus e há as que devem ser suportadas até o fim, mas Deus leva sempre em conta a resignação.

Muitas vezes surgem aqueles que contestam a eficácia da prece, alegando que, pelo fato de Deus conhecer as necessidades humanas, torna-se dispensável o ato de orar, pois, sendo o Universo regido por leis sábias e eternas, as súplicas jamais poderão alterar os desígnios do Criador. No entanto, não pode perder de mira a assertiva do Mestre:

“O que quer que seja que pedirdes na prece crede que obtereis, e vos será concedido”. (7)

Embora as preces que fazemos não possam desviar-nos de nossos problemas e desilusões, elas são um bálsamo reconfortante para a nossa alma enfermeira, pois fazem-nos penetrar em estados de suave sossego e gozos que somente aquele que ora é capaz de decifrar. Tem, assim, a prece, o inefável dom de dar-nos forças para suportarmos lutas e problemas, internos e externos, de colocar-nos em posição de vencer obstáculos que, antes, pareciam irremovíveis. Kardec dava tanta importância ao ato de pensar que um dia escreveu no livro “A Gênese”:

“O pensamento produz uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral: é isso unicamente o que o Espiritismo poderia fazer compreender”. (8)

É o pensamento que dá qualidade curativa aos fluidos, que existem em estado natural ao nosso redor. É ele que transforma o fluido inerte em energia capaz de recompor um tecido doente ou reduzir os males de ordem espiritual que afetam os indivíduos.

É o pensamento também o fio que nos permite estabelecer um relacionamento positivo com os Espíritos, que participam das atividades curadoras. Mas, ao mesmo tempo em que nos permite tudo isso, ele também poderá nos ligar a Espíritos cuja presença será prejudicial ao ato de curar. Toda moeda tem dois lados, as leis da natureza são estradas de duas mãos. A mente é fonte de energia curativa ou de energia destruidora.

A prece é, sem dúvida, um dos meios pelos quais a cura de um mal pode ser alcançada. Mas é, também, um meio dos mais difíceis, haja vista a pequena capacidade mental que temos para orar. Isto porque a oração tem sido um ato mecânico, que se realiza pelos lábios. Contudo, a prece é algo que depende enormemente do pensamento e da vontade. Sem esses dois requisitos, a prece se transforma em algo sem maior valor. Destarte, cremos que a temática prece deveria se constituir em matéria de constante estudo nos centros espíritas, porém, estudo **sério**, e não se tornar objeto de considerações puramente **místicas**, que impedem alcançar a sua essência e importância.

Fontes

- (1) **Kardec** Allan, Revista Espírita, (novembro de 1866.)
- (2) Publicado no Jornal **Folha de São Paulo** (9 de Julho de 2004.)
- (3) **Kátia Penteado**, Efeitos da Prece na Saúde: a Ciência confirma a Doutrina Espírita – 11/2004.
- (4) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Capítulo 28, item 77.)
- (5) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (questão 662.)
- (6) **Emmanuel**, Pensamento e Vida, (psicografia Chico Xavier), (p. 16.)
- (7) **Marcos**, 11:24.

Estudo Metódico do Pentateuco Kardequiano

I. Qualidade da prece

Nº 328 – 08/09/2013

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Evangelho segundo o Espiritismo

Texto para leitura

355. Os Espíritos levianos, mentirosos, brincalhões e toda a caterva de Espíritos inferiores, nada escrupulosos, sempre acorrem, prontos a responder ao que se lhes pergunte, sem se preocuparem com a verdade. Quem, pois, deseje comunicações sérias, deve, antes de tudo, pedi-las seriamente e, em seguida, inteirar-se da natureza das simpatias do médium com os seres do mundo espiritual. Ora, a primeira condição para se granjear a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse moral e material.
(Cap. XXVI, item 8.)

356. A mediunidade séria não pode ser e não será nunca uma profissão, não só porque se desacreditaria moralmente, identificada para logo com a dos ledores da boa sorte, como também porque um obstáculo a isso se opõe. É que se trata de uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e mutável, com cuja perenidade ninguém pode contar, constituindo, portanto, para o explorador uma fonte absolutamente incerta de receitas, de natureza a poder faltar-lhe no momento exato em que mais necessária lhe fosse.
(Cap. XXVI, item 9.)

357. A mediunidade não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos. Faltando estes, já não há mediunidade; pode existir a aptidão mediúcnica, mas o seu exercício se anula. Por isso, não existe no mundo um único médium capaz de garantir a obtenção de qualquer fenômeno espírita em dado instante.
(Cap. XXVI, item 9.)

358. Explorar alguém a mediunidade é, por conseguinte, dispor de uma coisa da qual não é dono, efetivamente. Afirmar o contrário é enganar a quem paga. E há mais: não é de si próprio que o explorador dispõe; é do concurso dos Espíritos, das almas dos mortos, que ele põe a preço, ideia que causa instintiva repugnância.
(Cap. XXVI, item 9.)

359. Foi precisamente esse tráfico, degenerado em abuso e explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição, que motivou a proibição de Moisés. O moderno Espiritismo, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito a que lançou essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão.
(Cap. XXVI, item 9.)

360. A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. E se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto, essa é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, feitos, muita vez, à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes até a sua saúde. Podem, pois, pôr-lhes preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam.
(Cap. XXVI, item 10.)

361. Aquele que carece do que viver deve procurar recursos em qualquer parte, menos na mediunidade, e não lhe consagre, se for preciso, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos lhe levarão em conta o devotamento e os sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer deles uma escada por onde subam.
(Cap. XXVI, item 10.)

362. “Quando quiserdes orar, entrai para o vosso quarto e, fechada a porta, orai a vosso Pai em secreto; e vosso Pai, que vê o que se passa em secreto, vos dará a recompensa. Não cuideis de pedir muito nas vossas preces, como fazem os pagãos, os quais imaginam que pela multiplicidade das palavras é que serão atendidos. Não vos torneis semelhantes a eles, porque vosso Pai sabe do que é que tendes necessidade, antes que lho peçaís.”

(Cap. XXVII, item 1.)

363. “Quando vos aprestardes para orar, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, a fim de que vosso Pai, que está nos céus, também vos perdoe os vossos pecados. Se não perdoardes, vosso Pai, que está nos céus, também não vos perdoará os pecados.”

(Cap. XXVII, item 2.)

364. “O fariseu, conservando-se de pé, orava assim, consigo mesmo: Meu Deus, rendo-vos graças por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como esse publicano. Jejuo duas vezes por semana; dou o dízimo de tudo o que possuo. O publicano, ao contrário, conservando-se afastado, não ousava, sequer, erguer os olhos ao céu; mas, batia no peito, dizendo: Meu Deus, tem piedade de mim, que sou um pecador. Declaro-vos que este voltou para a sua casa justificado, e o outro não; porquanto aquele que se eleva será rebaixado e aquele que se humilha será elevado.”

(Cap. XXVII, item 3.)

365. Jesus definiu claramente as qualidades da prece. Quando orardes, diz ele, não vos ponhais em evidência; antes, orai em secreto. Não afeteis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas. Antes de orardes, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, visto que a prece não pode ser agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinai os vossos defeitos, não as vossas qualidades, e, se vos comparardes aos outros, procurai o que há em vós de mau.

(Cap. XXVII, item 4.)

Questões propostas

A. Qual foi o motivo da proibição de evocar os mortos, decretada por Moisés?

R. Foi o tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição que motivou a proibição de Moisés. O moderno Espiritismo, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito a que lançou essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão. A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Não se pode brincar com algo tão sério, nem fazer da mediunidade um meio de vida.

(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXVI, item 9.)

B. Como podemos definir a prece e qual o seu objeto?

R. A prece é uma invocação, mediante a qual o homem entra, pelo pensamento, em comunicação com o ser a quem se dirige. Pode ter por objeto um pedido, um agradecimento, ou uma glorificação. Podemos orar por nós mesmos ou por outrem, pelos vivos ou pelos mortos. As preces feitas a Deus escutam-nas os Espíritos incumbidos da execução de suas vontades; as que se dirigem aos bons Espíritos são reportadas a Deus, porquanto nada sucede sem a vontade de Deus.

(Obra citada, cap. XXVII, item 9.)

C. Que qualidades a prece deve ter?

R. As qualidades da prece foram definidas por Jesus. Quando orardes, diz ele, não vos ponhais em evidência; antes, orai em secreto. Não afeteis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas. Antes de orardes, se tiverdes

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXVII)

qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, visto que a prece não pode ser agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinai os vossos defeitos, não as vossas qualidades e, se vos comparardes aos outros, procurai o que há em vós de mau. (Obra citada, cap. XXVII, itens 1 a 4.)

D. A prece é realmente eficaz?

R. Sim, e a prova disso está nestas palavras de Jesus: “Seja o que for que peçais na prece, crede que o obtereis e concedido vos será o que pedirdes” (Marcos, cap. XI, v. 24). É claro que não basta pedir; é preciso saber pedir, certo de que Deus nos concederá sempre, se o pedirmos com confiança, a coragem, a paciência e a resignação, tanto quanto os meios de superarmos as dificuldades, mediante ideias que fará nos sugiram os bons Espíritos, deixando-nos dessa forma o mérito da ação.

(Obra citada, cap. XXVII, itens 5 a 7.)

2. Eficácia da prece

5. Seja o que for que peçais na prece, crede que o obtereis e concedido vos será o que pedirdes. (Marcos, 11:24.)

6. Há quem conteste a eficácia da prece, com fundamento no princípio de que, conhecendo Deus as nossas necessidades, inútil se torna expor lhas. E acrescentam os que assim pensam que, achando-se tudo no Universo encadeado por leis eternas, não podem as nossas súplicas mudar os decretos de Deus.

Sem dúvida alguma há leis naturais e imutáveis que não podem ser ab-rogadas ao capricho de cada um; mas daí a crer-se que todas as circunstâncias da vida estão submetidas à fatalidade, vai grande distância.

Se assim fosse, nada mais seria o homem do que instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa. Nessa hipótese, só lhe caberia curvar a cabeça ao jugo dos acontecimentos, sem cogitar de evitá-los; não devera ter procurado desviar o raio. Deus não lhe outorgou a razão e a inteligência, para que ele as deixasse sem serventia; a vontade, para não querer; a atividade, para ficar inativo. Sendo livre o homem de agir num sentido ou noutro, seus atos lhe acarretam, e aos demais, consequências subordinadas ao que ele faz ou não. Há, pois, devidos à sua iniciativa, sucessos que forçosamente escapam à fatalidade e que não quebram a harmonia das leis universais, do mesmo modo que o avanço ou o atraso do ponteiro de um relógio não anula a lei do movimento sobre a qual se funda o mecanismo.

Possível é, portanto, que Deus aceda a certos pedidos, sem perturbar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, subordinada sempre essa anuência à sua vontade.

7. Desta máxima: “Concedido vos será o que quer que pedirdes pela prece”, fora ilógico deduzir que basta pedir para obter e fora injusto acusar a Providência se não acede a toda súplica que se lhe faça, uma vez que ela sabe, melhor do que nós, o que é para nosso bem. É como procede um pai criterioso que recusa ao filho o que seja contrário aos seus interesses. Em geral, o homem apenas vê o presente; ora, se o sofrimento é de utilidade para a sua felicidade futura, Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa que o doente sofra as dores de uma operação que lhe trará a cura.

O que Deus lhe concederá sempre, se ele o pedir com confiança, é a coragem, a paciência, a resignação. Também lhe concederá os meios de se tirar por si mesmo das dificuldades, mediante ideias que fará lhe sugiram os bons Espíritos, deixando-lhe dessa forma o mérito da ação. Ele assiste os que ajudam a si mesmos, de conformidade com esta máxima: “Ajuda-te, que o Céu te ajudará”; não assiste, porém, os que tudo esperam de um socorro estranho, sem fazer uso das faculdades que possui. Entretanto, as mais das vezes, o que o homem quer é ser socorrido por milagre, sem dispender o mínimo esforço.

(Cap. XXV, itens 1 e seguintes.)

8. Tomemos um exemplo. Um homem se acha perdido no deserto.

A sede o martiriza horrivelmente. Desfalecido, cai por terra. Pede a Deus que o assista, e espera. Nenhum anjo lhe virá dar de beber. Contudo, um bom Espírito lhe sugere a ideia de levantar-se e tomar um dos caminhos que tem diante de si. Por um movimento maquinal, reunindo todas as forças que lhe restam, ele se ergue, caminha e descobre ao longe um regato.

Ao divisá-lo, ganha coragem. Se tem fé, exclamará: “Obrigado, meu Deus, pela ideia que me inspiraste e pela força que me deste.” Se lhe falta a fé, exclamará: “Que boa ideia tive! Que sorte a minha de tomar o caminho da direita, em vez do da esquerda; o acaso, às vezes, nos serve admiravelmente!

Quanto me felicito pela minha coragem e por não me ter deixado abater!”

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXVII)

Mas dirão, por que o bom Espírito não lhe disse claramente: “Segue este caminho, que encontrarás o de que necessitas”? Por que não se lhe mostrou para o guiar e sustentar no seu desfalecimento? Dessa maneira tê-lo-ia convencido da intervenção da Providência. Primeiramente, para lhe ensinar que cada um deve ajudar a si mesmo e fazer uso das suas forças.

Depois, pela incerteza, Deus põe à prova a confiança que nele deposita a criatura e a submissão desta à sua vontade. Aquele homem estava na situação de uma criança que cai e que, dando com alguém, se põe a gritar e fica à espera de que a venham levantar; se não vê pessoa alguma, faz esforços e se ergue sozinha.

Se o anjo que acompanhou Tobias lhe houvera dito: “Sou enviado por Deus para te guiar na tua viagem e te preservar de todo perigo”, nenhum mérito teria tido Tobias. Fiando-se no seu companheiro, nem sequer de pensar teria precisado. Essa a razão por que o anjo só se deu a conhecer ao regressarem.

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

II. Eficácia da prece

Nº 140 – 10/01/2010

O Consolador – (Thiago Bernardes)

A prece e sua eficácia

Quando ditas de coração, são boas as preces de todos os cultos

1. Há pessoas que contestam a eficácia da prece com fundamento no princípio de que, conhecendo Deus as nossas necessidades, desnecessário e inútil se torna expô-las ao Pai Eterno. Tal argumento, contudo, não é correto porque, independentemente de Deus conhecer nossas necessidades, a **prece** proporciona por si só a quem ora um bem-estar muito grande, visto que aproxima a criatura do Criador e, filha primogênita da **fé**, nos encaminha para a senda que conduz a Deus.

2. Como sabemos, não existe uma fórmula especial para que alguém ore. Quando ditas de coração e não apenas de lábios, são boas as preces de todos os cultos. Independentemente de fórmula, o principal é que as preces sejam claras, simples, concisas.

3. A prece pode ter por objeto um pedido, um agradecimento ou uma glorificação. Dirigidas a Deus, são ouvidas pelos Espíritos incumbidos pelo Criador de executar sua vontade. Eis por que pela prece o homem obtém o concurso dos bons Espíritos, que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe ideias sãs. Aquele que ora com fervor adquire, desse modo, a força moral necessária a vencer as dificuldades e a volver ao caminho reto, se deste se afastou, podendo também, por esse meio, desviar de si os males que atrairia com suas faltas.

4. Embora Jesus tenha dito que tudo o que pedirmos com fé, em oração, nós o receberemos, seria ilógico deduzir que basta pedir para obter, do mesmo modo que seria injusto acusar a Providência se esta não acede a toda súplica que lhe fazemos. É preciso ter sempre em mente que Deus sabe, melhor do que nós, o que realmente nos convém nessa ou naquela circunstância. Um pai criterioso também recusa ao filho o que seja contrário aos seus interesses. A prece elevada é manancial de magnetismo criador e vivificante

5. O que o homem não deve esquecer, em todos os momentos e circunstâncias da vida, é a prece do trabalho e da dedicação, no santuário das lutas purificadoras, porque Jesus abençoará as suas realizações de esforço sincero.

6. O santuário doméstico que encontre criaturas amantes da oração e dos sentimentos elevados converte-se em campo sublime das mais belas florações e colheitas espirituais. Para tanto, não pode a prece ser um movimento mecânico de lábios, nem disco de fácil repetição no aparelho da mente. A prece é – e deve ser – vibração, energia, poder.

7. A pessoa que ora, mobilizando as próprias forças, realiza trabalhos de grande significação e põe-se em contacto com as fontes superiores da vida. Os raios divinos expedidos pela prece santificadora convertem-se em fatores adiantados de cooperação eficiente e definitiva na cura do corpo, na renovação da alma e na iluminação da consciência.

8. Toda prece elevada é manancial de magnetismo criador e vivificante e, por causa disso, toda criatura que cultiva a oração, com o devido equilíbrio, transforma-se gradativamente em foco irradiante de energias da Divindade.

É preciso humildade para compreender as respostas de Deus

9. Aprendamos, pois, a orar e igualmente a entender as respostas do Alto às nossas súplicas. Se vamos expor em prece ao Senhor os nossos obstáculos, pedindo as providências que nos sejam

necessárias à paz e à execução dos encargos que a vida nos delegou, supliquemos também ao Pai nos ilumine o entendimento para que saibamos receber dignamente suas decisões.

10. Entre o pedido que parte da Terra e o suprimento que vem do Alto, é imperioso funcione a alavanca da vontade humana, com decisão e firmeza, para que se efetive o auxílio solicitado.

11. Confiemos em Deus e supliquemos o seu amparo, mas – se quisermos receber a bênção divina – procuremos esvaziar o coração de tudo o que discorde das nossas petições, a fim de oferecer à bênção divina clima de aceitação, base e lugar.

12. Todos, em verdade, podemos endereçar a Deus, em qualquer parte e em qualquer tempo, as mais variadas preces; contudo, precisamos todos nós cultivar paciência e humildade para esperar e compreender as respostas de Deus.

Questões propostas

1. Que resultados a prece sincera produz àquele que ora?

R. A prece proporciona a quem ora um bem-estar muito grande, visto que aproxima a criatura do Criador e, filha primogênita da fé, nos encaminha para a senda que conduz a Deus.

2. A prece pode ter por objeto três coisas. Quais são elas?

R. A prece pode ter por objeto um pedido, um agradecimento ou uma glorificação.

3. Como devemos entender o ensinamento de Jesus quando afirmou que tudo o que pedirmos com fé, em oração, nós o receberemos?

R. Devemos entender que, embora Jesus tenha dito essa frase, seria ilógico deduzir que basta pedir para obter, do mesmo modo que seria injusto acusar a Providência se esta não acede a toda súplica que lhe fazemos. É preciso ter sempre em mente que Deus sabe, melhor do que nós, o que realmente nos convém nessa ou naquela circunstância.

4. Que é preciso para que, entre o pedido que parte da Terra e o suprimento que vem do Alto, se efetive o auxílio solicitado?

R. É preciso que funcione a alavanca da vontade humana, com decisão e firmeza, para que se efetive o auxílio solicitado.

5. Que virtudes são necessárias para esperar e compreender as respostas de Deus às nossas preces?

R. Podemos endereçar a Deus, em qualquer parte e em qualquer tempo, as mais variadas preces; contudo, precisamos todos nós cultivar paciência e humildade para esperar e compreender as respostas de Deus.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (capítulos XXVII e XXVIII.)

Emmanuel, O Consolador, (psicografia Chico Xavier), (questão 306.)

Emmanuel, Ceifa de Luz, (psicografia Chico Xavier), (p. 157.)

Emmanuel, Rumo Certo, (psicografia Chico Xavier), (pp. 71 a 73.)

André Luiz, Missionários da Luz, (psicografia Chico Xavier), (pp. 64 a 67.)

Irmão X, Cartas e Crônicas, (psicografia Chico Xavier), (p. 15.)

Crônicas e Artigos

Nº 408 – 05/04/2015

O Consolador – (Édo Mariani)

II. Eficácia da prece

A prece e o equilíbrio espiritual

No Evangelho de Matheus, (cap. 16, versículos 16 a 19), após pergunta de Jesus, inquirindo dos apóstolos o que dizia o povo ser Ele, Pedro tomando a palavra respondeu:

“Tu És o Cristo, o filho do Deus Vivo”, tendo Jesus afirmado:

“Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foram carne e sangue quem to revelou, mas Meu Pai que está nos Céus.” Jesus continuou afirmando:

“Também tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na Terra terá sido ligado nos Céus”.

No Evangelho de Marcos, (cap. 12, versículos 10 e 11), Jesus volta a falar sobre a importância da pedra, afirmando: “Ainda não lestes esta Escritura: A pedra, que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; Isto procede do Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos!”

Com base nessas afirmações de Jesus, deduzimos que a Religião Dominante tenha criado a figura do Papa que seria no seu entendimento, o representante de Deus na Terra e o substituto de Pedro, o Apóstolo.

Refletindo no ensinamento de Jesus, retirando da letra que mata, o espírito que vivifica, compreenderemos que Ele, Espírito sublime, puro e perfeito, não conceberia a possibilidade de colocar sobre um homem, mortal e falível, a responsabilidade de ser o intermediário direto entre o Céu e a Terra.

Inquirimos então: onde está a pedra na qual Jesus edificou a sua Igreja? Temos a certeza de que não está sobre Pedro, que por três vezes O negou junto à prisão.

Os ensinamentos deixados por Jesus são por demais importantes, pois Sua palavra nunca foi dita em vão. Por isso a igreja de Jesus só pode estar assentada na revelação, onde se assentam as bases da ligação entre os homens e os Espíritos desencarnados. Foi o que aconteceu com Pedro, médium inspirado, intuído por um mensageiro celestial Ihe revelou ser Jesus, o Cristo, filho de Deus vivo.

Para nos comunicarmos usamos da palavra falada ou escrita. A comunicação é o veículo pelo qual aprendemos na vivência uns com os outros; é o meio de nos relacionarmos sentimentalmente; de convivendo, poder efetuar os acertos tão necessários na correção de faltas e ressentimentos do passado. É por esse meio que progredimos, que nos elevamos, subindo de classes na escala espírita idealizada por Kardec.

Da mesma forma é também imprescindível a nossa comunicação com os Espíritos, o que se dá através da mediunidade que propicia a revelação do Céu à Terra sem o que demoraríamos muito mais séculos para descobrir o manancial imenso de verdades que nos são desconhecidas.

Os Espíritos superiores informaram a Kardec que são eles que nos dirigem. Como poderiam nos dirigir sem que houvesse meios de comunicação recíproca? Só através da revelação, “a pedra que os construtores rejeitaram, essa veio ser a principal pedra, angular”, é possível o intercâmbio com os desencarnados e deles receber as orientações necessárias ao homem, para que este, por sua vez, seja colaborador de Deus para o progresso da Terra e nosso também.

Em todos os tempos da humanidade fomos intuídos pelos mensageiros celestes para a manutenção do contato com os desencarnados. Isto é lei divina, lei de amor e de misericórdia

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXVII)

para que não fiquemos no desamparo. Se perlustrarmos a história dos povos, mesmo as mais antigas civilizações, verificaremos que esse intercâmbio sempre existiu.

Ensina Cairbar Schutel em “Parábolas e Ensinos de Jesus”:
A Revelação é a base fundamental da Religião.

Toda a moral, toda a filosofia, toda a ciência têm por base a Revelação. Ela é o fundamento de todo progresso, é a Pedra inamovível sobre a qual se ergue o edifício da verdade, que abriga a Humanidade.

Daí a resolução divina em colocar a Pedra Rejeitada como Cabeça de Esquina; e os que nela tropeçam são esmagados”.

Dessa forma, estamos convictos de que para o homem manter-se equilibrado, realinhado com o plano divino sobre o seu destino para bem cumprir os objetivos de sua missão no trabalho da evolução, é de suma importância aprender a relacionar-se com as forças espirituais que Deus oferece a todos os que se colocam em condições de buscá-las e merecê-las.

Como proceder para nos colocarmos em condições propícias de bem nos relacionarmos com o mundo espiritual? Jesus nos ensinou: “Quem busca acha e quem bate recebe”.

Assim, estamos compreendendo que é por meio da prece que nos preparamos para manter uma harmoniosa sintonia com o plano espiritual e assim nos colocamos nas condições ideais para dele nos abastecermos do que necessitamos.

Ensina Rodrigues Ferreira, autor do livro O Espiritismo e as Distorções do Ser Humano: “Na visão espírita, a oração corretamente cultivada altera a vibração mental de quem ora e, por isso, coloca a espiritualidade no coração”.

A finalidade da oração não é pedir para receber, mas preparar para merecer. A prece busca proteção; ela promove a alteração vibratória da mente para um nível mais elevado, facilitando, simultaneamente, a fuga das ligações inferiores e a abertura da mente para ligações superiores. Vemos que a Lei Divina colocou a proteção dentro do próprio homem.

A prece é de grande eficácia quando feita com conhecimento inabalável do seu poder perante as leis que regem os mundos e os homens.

A fé raciocinada preconizada por Kardec, aquela que é capaz de encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da humanidade, é a que carecemos para a obtenção do nosso desiderato.

Nestes tempos em que grandes perturbações assolam a humanidade, o Espiritismo vem nos trazer as diretrizes eficazes para o equilíbrio espiritual, esse escudo protetor, a oração e pensamentos puros, procedimentos imprescindíveis às ligações com a fonte divina, verdadeiro manancial de força e coragem, que necessitamos para o melhor aproveitamento da atual existência terrena.

A prece é, então, o instrumento por meio do qual nos relacionamos com o mundo dos Espíritos, pois é através dela que elevamos as nossas vibrações, e é assim que se abrem os caminhos para a ligação de pensamentos, tanto para o bem como para o mal. Orar é tão importante para a alma como o pão é para o corpo. Aprendamos a orar como nos ensina o Espiritismo, e assim poderemos participar do convívio mental com os amigos espirituais.

Observemos o que nos ensina André Luiz em “Missionários da Luz”: “Toda a prece elevada é manancial de magnetismo criador e vivificante e toda a criatura que cultiva a oração, com o devido

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXVII)

equilíbrio do sentimento, **transforma-se, gradativamente, em foco irradiante de energias da divindade**".

Por tudo isso, com o estudo disciplinado e constante, aprenderemos como conquistar a fé raciocinada e, assim, equilibrar nossas vibrações para nos sentirmos seguros e confiantes de que seremos atendidos, na conformidade do nosso merecimento.

Crônicas e Artigos

Nº 204 – 10/04/2011

O Consolador – (Waldenir Aparecido Cuin)

II. Eficácia da prece

Pedir socorro a Jesus e trabalhar

– A prece é um meio eficaz para curar a obsessão?

“A prece é um poderoso socorro para todos os casos, mas sabei que não é suficiente murmurar algumas palavras para obter o que se deseja. Deus assiste aos que agem, e não aos que se limitam a pedir...”.

(Questão 479 de “O Livro dos Espíritos” – Allan Kardec.)

Quando Jesus sentenciou:

“Vinde a mim, todos vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”

(Mateus, 11-28):

Informou que estava à disposição daqueles que desejavam socorro e assistência para a solução dos seus problemas e aflições. Naquele momento se colocou junto de quem dele precisasse, no clima da solidariedade, para que ninguém se sentisse sozinho pelas estradas do mundo.

E a prece, esse sublime canal que nos liga às esferas superiores da vida é o veículo próprio para conversarmos com o Mestre, apresentando ao seu coração magnânimo os tormentos que nos afligem.

Podemos orar a qualquer hora e em qualquer lugar, sempre que sentirmos a necessidade do socorro divino, no entanto, para melhor aproveitamento da prece, sempre que possível, devemos buscar o colo de Jesus num ambiente de recolhimento, para que os nossos pensamentos fluam de maneira mais harmônica.

Não precisamos de palavras bonitas, de textos decorados ou de gestos físicos, pois o que chega ao Divino Amigo é a essência do que vai pela nossa mente.

Fazer uma prece, em resumo, é sintonizar com o Cristo, da forma que entendermos ser a melhor, e dizer-lhe, com sinceridade, do que realmente precisamos. Pela prece, tão importante quanto apresentar nossos apelos e rogativas é também não se esquecer de agradecer as bênçãos que recebemos constantemente.

No entanto, vale destacar que para alcançarmos a graça divina não basta tão-somente a apresentação de petições se permanecermos de braços cruzados, aguardando que a Divindade resolva, por si, os nossos problemas. Jesus prometeu alívio e não solução para as questões que nos atormentam.

O cristão consciente levanta os olhos para o alto implorando apoio, sem esquecer o esforço diário que lhe é devido.

As nossas tarefas e atribuições deverão se realizar mediante os nossos esforços e elas ficam mais suaves quando nos fortalecemos com o elixir da assistência divina, que nos chega através da prece.

Portanto, não basta que nos limitemos a pedir, é imprescindível a nossa ação, aliás, não se tem notícias de que alguém tenha obtido real sucesso na vida permanecendo na ociosidade, apenas colhendo benesses divinas sem qualquer merecimento.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXVII)

Muitas vezes, aqui no mundo, nos enganamos com ilusões, fantasias e vitórias aparentes, mas que se desfazem com os vendavais da realidade, mais cedo ou mais tarde. Somente as conquistas reais, nascidas do nosso empenho e esforço, com o aval de Jesus, permanecem.

Cultivemos o salutar e imprescindível hábito da oração, nos banhando na prazerosa ambiência divina, mas jamais esqueçamos o comezinho dever de movimentar as nossas mãos na realização do trabalho que nos é próprio.

A prece nos une a Jesus e o trabalho nos proporciona a tranquilidade da consciência, fatores indispensáveis para que a paz venha morar em nossos corações.

Reflitamos.

3. Ação da prece. Transmissão do pensamento

9. A prece é uma invocação, mediante a qual o homem entra, pelo pensamento, em comunicação com o ser a quem se dirige. Pode ter por objeto um pedido, um agradecimento, ou uma glorificação. Podemos orar por nós mesmos ou por outrem, pelos vivos ou pelos mortos. As preces feitas a Deus escutam-nas os Espíritos incumbidos da execução de suas vontades; as que se dirigem aos bons Espíritos são reportadas a Deus. Quando alguém ora a outros seres que não a Deus, fá-lo recorrendo a intermediários, a intercessores, porquanto nada sucede sem a vontade de Deus.

10. O Espiritismo torna compreensível a ação da prece, explicando o modo de transmissão do pensamento, quer no caso em que o ser a quem oramos acuda ao nosso apelo, quer no em que apenas lhe chegue o nosso pensamento. Para apreendermos o que ocorre em tal circunstância, precisamos conceber mergulhados no fluido universal, que ocupa o Espaço, todos os seres, encarnados e desencarnados, tal qual nos achamos, neste mundo, dentro da atmosfera. Esse fluido recebe da vontade uma impulsão; ele é o veículo do pensamento, como o ar o é do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, ao passo que as do fluido universal se estendem ao infinito. Dirigido, pois, o pensamento para um ser qualquer, na Terra ou no Espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece entre um e outro, transmitindo de um ao outro o pensamento, como o ar transmite o som.

A energia da corrente guarda proporção com a do pensamento e da vontade. É assim que os Espíritos ouvem a prece que lhes é dirigida, qualquer que seja o lugar onde se encontrem; é assim que os Espíritos se comunicam entre si, que nos transmitem suas inspirações, que relações se estabelecem a distância entre encarnados.

Essa explicação vai, sobretudo, com vistas aos que não compreendem a utilidade da prece puramente mística. Não tem por fim, materializar a prece, mas tornar-lhe inteligíveis os efeitos, mostrando que pode exercer ação direta e efetiva. Nem por isso deixa essa ação de estar subordinada à vontade de Deus, Juiz supremo em todas as coisas, único apto a torná-la eficaz.

11. Pela prece, obtém o homem o concurso dos bons Espíritos que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe ideias sãs.

Ele adquire, desse modo, a força moral necessária a vencer as dificuldades e a volver ao caminho reto, se deste se afastou. Por esse meio, pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas. Um homem, por exemplo, vê arruinada a sua saúde, em consequência de excessos a que se entregou, e arrasta, até o termo de seus dias, uma vida de sofrimento: terá ele o direito de queixar-se, se não obtiver a cura que deseja? Não, pois que houvera podido encontrar na prece a força de resistir às tentações.

12. Se em duas partes se dividirem os males da vida, uma constituída dos que o homem não pode evitar e a outra das tribulações de que ele se constituiu a causa primária, pela sua incúria ou por seus excessos (cap. V, item 4), ver-se-á que a segunda, em quantidade, excede de muito à primeira.

Faz-se, portanto, evidente que o homem é o autor da maior parte das suas aflições, às quais se pouparia, se sempre obrasse com sabedoria e prudência.

Não menos certo é que todas essas misérias resultam das nossas infrações às Leis de Deus e que, se as observássemos pontualmente, seríamos inteiramente ditosos. Se não ultrapassássemos o limite do necessário, na satisfação das nossas necessidades, não apanharíamos as enfermidades que resultam dos excessos, nem experimentaríamos as vicissitudes que as doenças acarretam. Se pússemos freio à nossa ambição, não teríamos de temer a ruína; se não quiséssemos subir mais alto do que podemos, não teríamos de recear a

queda; se fôssemos humildes, não sofreríamos as decepções do orgulho abatido; se praticássemos a lei de caridade, não seríamos maldizentes, nem invejosos, nem ciosos, e evitaríamos as disputas e dissensões; se mal a ninguém fizéssemos, não houvéríamos de temer as vinganças etc.

Admitamos que o homem nada possa com relação aos outros males; que toda prece lhe seja inútil para livrar-se deles; já não seria muito o ter a possibilidade de ficar isento de todos os que decorrem da sua maneira de proceder? Ora, aqui, facilmente se concebe a ação da prece, visto ter por efeito atrair a salutar inspiração dos Espíritos bons, granjear deles força para resistir aos maus pensamentos, cuja realização nos pode ser funesta. Nesse caso, o que eles fazem não é afastar de nós o mal, porém, sim, desviar-nos do mau pensamento que nos pode causar dano; eles em nada obstam ao cumprimento dos decretos de Deus, nem suspendem o curso das Leis da Natureza; apenas evitam que as infringamos, dirigindo o nosso livre-arbítrio. Agem, contudo, à nossa revelia, de maneira imperceptível, para nos não subjugar a vontade. O homem se acha então na posição de um que solicita bons conselhos e os põe em prática, mas conservando a liberdade de segui-los ou não. Quer Deus que seja assim, para que aquele tenha a responsabilidade dos seus atos e o mérito da escolha entre o bem e o mal. É isso o que o homem pode estar sempre certo de receber, se o pedir com fervor, sendo, pois, a isso que se podem, sobretudo, aplicar estas palavras: “Pedi e obtereis.”

Mesmo com sua eficácia reduzida a essas proporções, já não traria a prece resultados imensos? Ao Espiritismo fora reservado provar-nos a sua ação, com o nos revelar as relações existentes entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual. Os efeitos da prece, porém, não se limitam aos que vimos de apontar.

Recomendam-na todos os Espíritos. Renunciar alguém à prece é negar a bondade de Deus; é recusar, para si, a sua assistência e, para com os outros, abrir mão do bem que lhes pode fazer.

13. Acedendo ao pedido que se lhe faz, Deus muitas vezes objetiva recompensar a intenção, o devotamento e a fé daquele que ora. Daí decorre que a prece do homem de bem tem mais merecimento aos olhos de Deus e sempre mais eficácia, porquanto o homem vicioso e mau não pode orar com o fervor e a confiança que somente nascem do sentimento da verdadeira piedade. Do coração do egoísta, do daquele que apenas de lábios ora, unicamente saem palavras, nunca os ímpetos de caridade que dão à prece todo o seu poder. Tão claramente isso se compreende que, por um movimento instintivo, quem se quer recomendar às preces de outrem fá-lo de preferência às daqueles cujo proceder, sente-se, há de ser mais agradável a Deus, pois que são mais prontamente ouvidos.

14. Por exercer a prece uma como ação magnética, poder-se-ia supor que o seu efeito depende da força fluídica. Assim, entretanto, não o é.

Exercendo sobre os homens essa ação, os Espíritos, sendo preciso, suprem a insuficiência daquele que ora, ou agindo diretamente em seu nome, ou dando-lhe momentaneamente uma força excepcional, quando o julgam digno dessa graça, ou que ela lhe pode ser proveitosa.

O homem que não se considere suficientemente bom para exercer salutar influência não deve por isso abster-se de orar a bem de outrem, com a ideia de que não é digno de ser escutado. A consciência da sua inferioridade constitui uma prova de humildade, grata sempre a Deus, que leva em conta a intenção caridosa que o anima. Seu fervor e sua confiança são um primeiro passo para a sua conversão ao bem, conversão que os Espíritos bons se sentem ditosos em incentivar. Repelida só o é a prece do orgulhoso que deposita fé no seu poder e nos seus merecimentos e acredita ser-lhe possível sobrepor-se à vontade do Eterno.

15. Está no pensamento o poder da prece, que por nada depende nem das palavras, nem do lugar, nem do momento em que seja feita.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXVII)

Pode-se, portanto, orar em toda parte e a qualquer hora, a sós ou em comum. A influência do lugar ou do tempo só se faz sentir nas circunstâncias que favoreçam o recolhimento. A prece em comum tem ação mais poderosa, quando todos os que oram se associam de coração a um mesmo pensamento e colimam o mesmo objetivo, porquanto é como se muitos clamassem juntos e em unísono. Mas que importa seja grande o número de pessoas reunidas para orar, se cada uma atua isoladamente e por conta própria?! Cem pessoas juntas podem orar como egoístas, enquanto duas ou três, ligadas por uma mesma aspiração, oram quais verdadeiros irmãos em Deus, e mais força terá a prece que lhe dirijam do que a das cem outras.
(Cap. XXVIII, itens 4 e 5.)

Crônicas e Artigos

Nº 419 – 21/06/2015

O Consolador – (Leda Maria Flaborea)

III. Ação da prece. Transmissão de pensamento.

No ato de orar

A prece é o traço de união entre a Terra e o Céu

Jesus conhecia a dificuldade que o ser humano tem em expandir-se espiritualmente, por causa das preferências materiais, pelo desejo do prazer e do poder, que acabam por lhe criar inúmeros problemas que, cedo ou tarde, deverão ser solucionados, queira ou não.

O Mestre sabia disso porque, conhecedor da natureza humana e entendendo os conflitos de todos aqueles que O procuravam, sofridos, mascarando as realidades íntimas que lhes corroíam a alma, sem se darem conta das suas verdadeiras necessidades, não parava de lhes recomendar a mudança da conduta mental e moral.

O objetivo do Excelso amigo era o de que se operasse nas criaturas, sobretudo nos desejosos de saúde, a renovação interior, a fim de que se concretizasse, no mais profundo de si mesmos, o bem-estar.

A estimada benfeitora espiritual Joanna de Ângelis lembra que, como as criaturas nem sempre soubessem manter a vinculação com as Fontes da Vida, Jesus sugeriu a oração, que se constitui numa ponte vibratória de fácil construção por todo aquele que deseje realmente a vitória sobre os sofrimentos e anelem pelo bem-estar pleno.

Oração é emanção do pensamento bem direcionado, rico em conteúdos vibratórios que se expande até sincronizar-se com ondas semelhantes. A prece nos coloca, portanto, em relação mental com o ser a quem nos dirigimos.

Quando voltada para o amor e o bem, dilui energias negativas e renova as forças morais daquele que ora, promovendo alterações na paisagem mental e orgânica, através de processos delicados de modificação da atmosfera psíquica na qual a pessoa se encontra.

Esse fluido é impulsionado pela vontade, pois é ela que conduz esse pensamento, ampliando-o ao infinito.

Então, quando o pensamento se dirige para algum ser, na Terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado ou vice-versa, uma corrente de energia se estabelece de um para outro, transmitindo o pensamento, como o ar transmite o som. Assim, a força dessa corrente vai depender da energia do pensamento e da vontade de quem ora.

É dessa forma que a prece é ouvida pelos Espíritos, onde quer que eles se encontrem. Também é assim que os Espíritos se comunicam entre si, que nos transmitem suas sugestões (boas ou más) e que as relações se estabelecem entre os próprios encarnados.

Importante lembrar: ainda que a prece possa exercer ação direta e positiva, ela estará sempre sujeita à vontade de Deus, Juiz Supremo de todas as coisas e único que pode dar eficácia à sua ação.

Ensina-nos o Evangelho que a prece tem por objeto um pedido, um agradecimento ou um louvor. Daí a necessidade de prestarmos atenção ao que pedimos, pois existe uma diferença entre o querer, o merecer e o precisar. A oração não modifica as leis estabelecidas, cabe a nós sermos absolutamente honestos e coerentes ao nos dirigirmos a Deus nas nossas preces.

O ato de orar já constitui uma expressão de humildade perante a Vida, e de alguma forma um despertar da consciência para a compreensão da existência de um ser superior. Certo que essa doação não é gratuita por parte da Divindade de tudo aquilo que a insensatez busque, numa

tentativa astuciosa e tola, de ludibriar as Leis Divinas. O homem, sendo responsável pelos seus atos, enfrentará sempre, no caminho, as consequências das escolhas infelizes que fizer.

A oração para o homem, que tem vontade real de superar suas dificuldades, sustenta-o, direciona-o para acertar o novo caminho; dá-lhe mais segurança para vencer os obstáculos e equipa-o com alegria e vigor para não desanimar diante dos obstáculos. Assim, quando qualquer um de nós resolve mudar suas atitudes e decide pedir ajuda, conseguimos nos libertar dos grilhões do orgulho e nos colocamos receptivos ao auxílio do Mais Alto.

Essa transformação íntima é tão importante para que a ajuda venha, que em O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXVII, item 11, é dado um exemplo bastante esclarecedor: “Um homem sente sua saúde arruinada pelos excessos que cometeu, e arrasta, até o fim de seus dias, uma vida de sofrimentos. Tem ele o direito de queixar-se se não conseguiu a cura? Evidente que não, porque poderia encontrar na prece a força para resistir às tentações”.

Jesus sabia de tudo isso, e por essa razão estimulava os homens, como faz até hoje, a se esforçarem para conseguir o Reino de Deus dentro de si mesmos.

O Espiritismo faculta-nos compreender a ação da prece ao explicar a forma de transmissão do pensamento, seja quando o ser a quem oramos atenda ao nosso apelo, seja quando nosso pensamento eleva-se a ele.

O poder da prece está no pensamento, sabemos hoje, e não depende das palavras, nem do lugar, nem do momento em que é feita. Pode-se orar em qualquer lugar, a qualquer hora, a sós ou com outras pessoas. O lugar e tempo só dependem das circunstâncias que possam favorecer esse recolhimento.

Se dividirmos os males da vida em duas categorias, sendo uma a dos que o homem não pode evitar, e a outra, a das atribulações que ele mesmo provoca, pelos seus descuidos e excessos, verificaremos que a segunda é muito maior que a primeira.

Parece evidente que somos os autores da maior parte das nossas aflições, que não existiriam se vivêssemos com prudência, sem ultrapassar o limite do necessário, em exigências vitais que provocam doenças, e às vezes até a morte.

Se limitássemos nossas ambições, não teríamos medo da ruína. Se fôssemos mais humildes, não sofreríamos as decepções do orgulho ferido; se praticássemos a caridade em sua plenitude, não seríamos maledicentes, invejosos, nem ciumentos, evitaríamos discussões inúteis e dissensões. Se não fizéssemos mal algum, não teríamos o que temer. E tantas outras atitudes que poderiam nos fazer felizes e que não praticamos, muitas vezes, por não prestarmos atenção àquilo que fazemos ou dizemos.

O Evangelho nos alerta ainda para o seguinte: Admitindo que nada pudéssemos fazer contra os outros males; que todas as preces fossem inúteis para nos livrarmos deles; já não seria muito poder afastar todos os que decorrem da nossa própria conduta?

Neste caso, podemos conceber facilmente a ação da prece que tem por finalidade atrair a ajuda dos Bons Espíritos e pedir-lhes força para resistirmos aos maus pensamentos, cuja execução pode nos ser funesta.

E por nos atenderem nisto, dizem os Espíritos superiores que “não é o mal que eles afastam de nós, mas é a nós que eles afastam do pensamento que pode nos causar mal; não atrapalham em nada os desígnios divinos, nem suspendem o curso das leis, ao orientarem nosso livre-arbítrio”. Mas o fazem sem que o percebamos, de maneira oculta, para não prejudicar a nossa vontade.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXVII)

Deus quer que assim seja para que tenhamos responsabilidade dos nossos atos e para nos deixar o mérito da escolha entre o bem e o mal. Mesmo reduzida a essas proporções, a prece dá imenso resultado.

Renunciar a ela é ignorar a bondade de Deus; é rejeitar para si mesmo a Sua assistência, e para os outros, o bem que se poderia fazer.

Assim, pensando na responsabilidade que temos diante das leis divinas, conseguimos compreender a advertência do Mestre ao nos solicitar vigilância e oração na nossa vida diária. Vigilância aos nossos sentimentos, aos nossos pensamentos, palavras e ações; e oração, buscando o amparo, a força e o discernimento para resistirmos às tentações. São ambos, vigilância e oração, escudos protetores do nosso caminhar seguro rumo ao Pai.

Bibliografia:

Ângelis Joanna de, Jesus e o Evangelho à Luz da Psicologia Profunda, (psicografia Divaldo Franco), (pág. 219.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. 27, Itens 1 a 15.)

Emmanuel, Palavras de Vida Eterna, (psicografia Chico Xavier), (lição 166.)

Crônicas e Artigos

Nº 486 – 09/10/2016

O Consolador – (Orson Peter Carrara)

III. Ação da prece. Transmissão de pensamento.

Poderosa ação!

Impressionante a atualidade e grandeza do texto que Allan Kardec publicou em O Evangelho segundo o Espiritismo, (capítulo XXVII), no subtítulo Ação da Prece.

Transmissão do Pensamento. Para estudo individual ou em grupo, para apresentação em palestras ou seminários ou para embasamento de compactas ou longas abordagens, o texto é uma preciosidade e aborda a poderosa ação da prece e da transmissão do pensamento.

O codificador inicia com a valiosa informação de que “as preces dirigidas a Deus são ouvidas pelos Espíritos encarregados da execução das suas vontades”, após ponderar que a prece coloca um ser em comunicação mental com outro ser a quem se dirige, não importando se esteja encarnado ou já tenha deixado o corpo pela desencarnação.

O caminhar didático do texto é suave, leve, proporcionando como que uma aula útil e muito agradável para se aprender o mecanismo de transmissão do pensamento na comunicação entre os seres. Para isso faz uma comparação notável para entendermos a questão: “É preciso mentalizar todos os seres, encarnados e desencarnados, mergulhados no fluido universal que ocupa o espaço, como o somos, neste mundo, na atmosfera. Esse fluido recebe um impulso da vontade; é o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, enquanto que as do fluido universal se estendem ao infinito.”. O que ocorre, portanto, é que “Estabelece-se uma corrente fluídica de um para o outro, transmitindo o pensamento, como o ar transmite o som.”

A prece tem poderosa ação porque por ela atraímos o concurso dos bons Espíritos, que nos sustentam nas boas resoluções e nos inspiram bons pensamentos, possibilitando-nos adquirir as forças morais para superação das dificuldades. Não usá-la, conforme raciocínio de Kardec, é renunciar, para si mesmo e a outros o bem que se lhes pode fazer, à assistência que todos podemos receber da Bondade Divina.

E há uma advertência expressiva no texto, com outras palavras e outro exemplo, mas que se pode resumir no exemplo de adversidades ou doenças que podemos enfrentar, fruto ou não de excessos: temos o direito de reclamar? E conclui a resposta de Kardec: “Não, porque poderia encontrar na prece a força para resistir às tentações”. E podemos acrescentar, inclusive, à tentação da reclamação ou dos lamentos da revolta.

O texto ocupa três páginas do capítulo, com sábias reflexões. Deixo ao leitor ir à fonte original para o prazer dessa leitura do sábio e profundo texto. Mas concluo com dois pensamentos importantes ali expressos, para ampliar a reflexão de todos nós:

A) No item 13: “Acedendo ao pedido que lhe é dirigido, Deus, frequentemente, tem em vista recompensar a intenção, o devotamento e a fé àquele que ora, eis porque a prece do homem de bem é mais meritória aos olhos de Deus, e sempre mais eficaz, porque o homem vicioso e mau não pode orar com o fervor e a confiança que só são dados pelo sentimento da verdadeira piedade. Do coração do egoísta, daquele que ora com os lábios, não podem sair senão palavras, mas não os impulsos da caridade que dão à prece todo o seu poder.”

B) No item 15: “O poder da prece está no pensamento; ela não se prende nem às palavras, nem ao lugar, nem ao momento em que é feita. Pode-se, pois, orar em toda parte, em qualquer lugar, a qualquer hora, sozinho ou em comum.”

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXVII)

Recomendo, com ênfase, ao leitor, ler o texto integral, até para ampliar o assunto a respeito da prece com comum, reunindo várias pessoas e seu extraordinário poder, mas também para tocar num ponto muito comum nos relacionamentos humanos, quando ouvimos alguém pedir: “Ah! Ore por mim!”. A lucidez de Kardec se faz presente:

“Isso é tão compreensível, que, por um movimento instintivo, a pessoa se recomenda de preferência às preces daqueles nos quais se percebe que a conduta deve ser agradável a Deus, porque são mais ouvidos”.

O fato principal, contudo, fica no raciocínio de que diante das dificuldades todas que possamos atravessar, das adversidades muitas vezes inevitáveis, é preciso lembrar, entre outras situações de “**Se** não ultrapassarmos o limite do necessário na satisfação das nossas necessidades, não teremos as doenças que são consequências dos excessos, e as vicissitudes que essas doenças ocasionam. **Se** colocarmos limite à nossa ambição, não teremos a ruína. **Se** não quisermos subir mais alto do que podemos, não temeremos cair. **Se** formos humildes, não sofreremos as decepções do orgulho humilhado. **Se** praticarmos a lei da caridade, não seremos nem maldizentes, nem invejosos, nem ciumentos, e evitaremos as querelas e as dissensões. **Se** não fizermos mal a ninguém, não temeremos as vinganças etc.”

A prece é o grande recurso contra esses males que ainda nos sondam os passos.

4. Preces inteligíveis

16. Se eu não entender o que significam as palavras, serei um bárbaro para aquele a quem falo e aquele que me fala será para mim um bárbaro. Se oro numa língua que não entendo, meu coração ora, mas a minha inteligência não colhe fruto. Se louvais a Deus apenas de coração, como é que um homem do número daqueles que só entendem a sua própria língua responderá amém no fim da vossa ação de graças, uma vez que ele não entende o que dizeis? Não é que a vossa ação não seja boa, mas os outros não se edificam com ela.
(Paulo, 1a aos Coríntios, 14:11, 14, 16 e 17.)

17. A prece só tem valor pelo pensamento que lhe está conjugado. Ora, é impossível conjugar um pensamento qualquer ao que se não compreende, porquanto o que não se compreende não pode tocar o coração.

Para a imensa maioria das criaturas, as preces feitas numa língua que elas não entendem não passam de amálgamas de palavras que nada dizem ao espírito. Para que a prece toque, preciso se torna que cada palavra desperte uma ideia e, desde que não seja entendida, nenhuma ideia poderá despertar.

Será dita como simples fórmula, cuja virtude dependerá do maior ou menor número de vezes que a repitam. Muitos oram por dever; alguns, mesmo, por obediência aos usos, pelo que se julgam quites, desde que tenham dito uma oração determinado número de vezes e em tal ou tal ordem. Deus vê o que se passa no fundo dos corações; lê o pensamento e percebe a sinceridade. Julgá-lo, pois, mais sensível à forma do que ao fundo é rebaixá-lo.
(Cap. XXVIII, item 2.)

A idosa, o expositor e as preces inteligíveis

Estávamos no salão Cairbar Schutel, no subsolo da FEESP, realizando o trabalho de assistência 2, cujo tema era: Preces Inteligíveis (item 6 do Cap. XXVII do Evangelho Segundo o Espiritismo). Ocupava a tribuna um dos nossos expositores, estudioso da Doutrina e do Evangelho. Preparava cuidadosa e responsabilmente suas palestras, para que ecoassem no coração e no entendimento dos assistidos.

Para aqueles que não conhecem, este trabalho é composto de duas etapas: a primeira realizada no salão acima mencionado, durante dez minutos, onde o expositor discorre sobre um tema evangélico explicado à luz do Espiritismo, tendo, inclusive, no Livro ESE, instruções dos Espíritos e na segunda, realizada no salão de passes por médiuns especialmente preparados em nossa Casa, que aplicam o passe espiritual e magnético, complementando-se, assim, o trabalho de tratamento espiritual para cada assistido, consoante prévio exame feito pelo Depoe – Departamento e Orientação Espiritual.

Havia na sala por volta de cem assistidos, sua lotação aproxima-se de 150 lugares. O expositor – exímio pesquisador, citou a fonte do tema retirado do Novo Testamento, na Epístola de Paulo;

(Cor. XXIV:11,14,16 e 17);

Assim dizia: "Até as coisas inanimadas que emitem sons, seja flauta, seja cítara (espécie de Lira, instrumento de corda em forma de U), se não formarem sons distintos, como se conhecerá o que se toca na flauta ou na cítara? Porque se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha?

Assim também vós, se a língua não pronunciardes palavras bem inteligíveis, como se entenderá o que se diz? Porque estareis como que falando com o ar. Há, por exemplo, tantas espécies de vozes no mundo e nenhuma delas sem significação. Se, pois, eu não souber o sentido da voz, serei estrangeiro para aquele que fala e o que fala será estrangeiro para mim do mesmo modo. Por que se eu orar em língua estrangeira verdade é que meu espírito ora, mas meu entendimento fica sem fruto. Mas se louvares com o espírito, o que ocupa o lugar do simples povo como dirá amém sobre a tua ação de graças, visto não entender ele o que dizes?

Verdade é que tu dás bem as graças, mas o outro não é edificado". São bem inteligíveis estas afirmações do apóstolo Paulo, que muito têm também de Espiritismo, vejamos um dos seus versículos que diz:

"Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento: cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento". O ESE explica:

"A prece só tem valor pelo pensamento que a informa. Só podemos ligar o pensamento àquilo que compreendemos, o que não se compreende não toca o coração".

Antigamente, em algumas regiões, oravam em língua desconhecida.

"São misturas de palavras que nada dizem ao espírito, pois quem as houve não entende a língua. A prece tem de revelar uma ideia. Se não a compreendemos ela nada revela. Não adianta repeti-las, muito menos orar por dever ou costume"(ESE).

Deus lê no íntimo dos corações, perscruta, indaga, investiga, perquire o nosso pensamento e a nossa sinceridade. Esclarecido o que dizia Paulo e a Doutrina Espírita, podemos aquilatar o efeito desta pequena palestra, proferida por aquele expositor, que a fez com muita clareza, num palavreado acessível a toda plateia presente.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXVII)

Uma senhora aparentando 75 anos de idade, no término do trabalho, quando os assistidos dirigiam-se para a sala de passes, andando com um pouco de dificuldade, porém, sozinha, aproximou-se da tribuna e perguntou ao expositor: "Posso falar um minutinho com o senhor? Tal fato às vezes acontece, mas o expositor esclarece que após os trabalhos, fora da sala de aula, estará disposto a dirimir qualquer dúvida, que, inclusive, é norma da Casa para não interromper o trabalho, pois, ainda está na primeira parte, sendo necessário silêncio e concentração para o assistido adentrar a sala de passes e usufruí-lo com eficácia, sem perder o elo com o plano espiritual.

Antes que recebesse estas costumeiras explicações, a senhora, muito simpática, pôs-se a subir ao lado da tribuna. O expositor, vendo a dificuldade, não a impediu e segurou sua mão. Rapidamente ela foi-lhe dizendo:

"Eu entendi tudo o que o senhor falou, gostei muito e queria saber deste estudo, de O Livro dos Espíritos, que o senhor anunciou para logo mais, aqui na sala, como fazem todas as quartas-feiras".

Sim, às 19h45 nesta sala", respondeu-lhe o expositor. A senhora, sorridente e olhar entusiasmante, revelava uma alegria esperançosa no coração. Agradecida pelas inteligíveis que ouvira, despediu-se e, mais uma vez, perguntou-lhe:

"Posso lhe dar um beijo?" Novamente o expositor, ainda atônito com a gratidão daquela senhora, não teve tempo de responder, recebendo dela um beijo na face e, também, estes votos:

"Muito obrigada, Deus o abençoe".

Queridos leitores, este fato é raro, pois, a norma de conduta da Casa não permite estas atitudes, mas, foi a expressão da verdade. Quem sabe, aquela senhora, pela primeira vez, tenha sido esclarecida sobre a maneira de orar? Quem sabe não foi naquele momento que seu pensamento entrou em sintonia realmente com o plano espiritual, através de palavras simples, mas de fácil entendimento? Quem poderá afirmar não ter sido aquele momento que seu coração se abriu para um renascer de esperança, mesmo aos 75 anos de idade? Nosso expositor, com lágrimas nos olhos pela impetuosidade daquela senhora e por sua gratidão explícita, sentou-se, aquietou-se, abaixou a cabeça e, fechando os olhos respeitosamente, orou agradecido.

Vejam queridos leitores, como as palavras têm ecos, principalmente quando são inteligíveis, como dizia Paulo – apóstolo dos Gentios – o maior divulgador do Mestre Jesus, pois, o Espiritismo também o acolhe, revivendo diariamente em sua Doutrina, estas maravilhosas lições. Messias Mathey – Jornal Espírita, janeiro de 2004.

O Espiritismo responde

Nº 125 – 20/09/2009

O Consolador – (Astolfo O de Oliveira Filho)

IV. Preces inteligíveis

O Espiritismo responde

Dagmar Oliveira Mafei, de Braço do Norte (SC), pergunta por que nas orações feitas pelos espíritos, sobretudo na chamada Oração Dominical, é utilizada a frase: “Assim seja”, em vez de “Amém”.

Em primeiro lugar, é preciso entender que a frase: “assim seja” é um dos sinônimos da palavra “amém”.

Informa o dicionário Aurélio, em sua versão eletrônica:

“**Amém** (Do hebr. amén, ‘assim seja’, pelo lat. amen.) - Interj. 1. Palavra litúrgica de aclamação, que indica anuência firme, concordância perfeita, com um artigo de fé; assim seja. S. m. 2. Concordância; aprovação, consentimento, anuência: 2 (Var. de âmen. Cf. amem, do v. amar.)
Dizer amém a: Consentir em; aprovar; anuir a; condescender com. **Assim seja**: Amém.”

A palavra **amém** não pertence à nossa língua. Ela foi levada como uma palavra hebraica para o Novo Testamento grego e daí para as versões em outras línguas. Procede de um termo hebraico que significa “apoiar” ou “estar firme”.

A partir dessa ideia inicial, passou a ser usada no sentido de “verdadeiro, fiel, ou certo”, como Paul Earnhart explica em um interessante artigo disponível na internet no site:

<http://www.estudosdabiblia.net/200246.htm>.

No âmbito das religiões cristãs, a palavra **amém** ora é usada seguida de ponto de exclamação (“Amém!”), ora seguida de ponto de interrogação (“Amém?”), como observa o Rev. André do Carmo Silvério em um texto disponível na internet, no site:

<http://www.monergismo.com>.

No meio espírita, talvez para evitar o uso de uma palavra claramente vinculada à liturgia cristã, o Codificador do Espiritismo propôs, em lugar do vocábulo “**Amém**”, a frase “**Assim seja**”, primeiramente na edição de agosto de 1864 da Revista Espírita, quando fez ali referência à Oração Dominical. Mais tarde a proposta apareceria no (cap. XXVIII) da versão definitiva de “O Evangelho segundo o Espiritismo”.

Eis o que Kardec escreveu na Revista Espírita:

“Vários de nossos assinantes nos testemunharam o lamento de não terem encontrado, em nossa A Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo (1), uma prece especial, para a manhã e a noite, para o uso habitual.

Faremos notar que as preces contidas nessa obra não constituem um formulário que, para ser completo, deveria delas conter um muito maior número. Elas fazem parte das comunicações dadas pelos Espíritos; nós as juntamos, no capítulo consagrado ao exame da prece, como juntamos, a cada um dos outros capítulos, as comunicações que poderiam a eles se relacionar.

Omitindo, de propósito, as da manhã e da noite, quisemos evitar de dar, à nossa obra, um caráter litúrgico; por isso nos limitamos às que têm uma relação direta com o Espiritismo, cada um podendo encontrar as outras nas de seu culto particular.

Todavia, para obtemperar o desejo que nos foi manifestado, damos a seguir a que nos parece melhor responder ao objetivo que se propôs.

No entanto, fá-la-emos preceder de algumas observações para fazer delas compreender melhor a importância.

Em A Imitação, n. 274, fizemos ressaltar a necessidade das preces inteligíveis. Aquele que ora sem compreender o que diz se habitua a dar mais valor às palavras do que aos pensamentos; para ele são as palavras que são eficazes, mesmo quando o coração nelas não está por nada; também muitos se creem quites quando recitaram algumas palavras que os dispensam de se reformarem.

É fazer-se uma estranha ideia da Divindade crer que ela se paga com palavras antes do que com atos que atestem uma melhoria moral.

Eis, de resto, sobre este assunto, a opinião de São Paulo: 'Se não entendo o que significam as palavras, serei bárbaro para aquele com quem eu fale, e aquele que me fale ser-me-á bárbaro.

Se oro numa língua que não entendo, meu coração ora, mas minha inteligência está sem fruto. Se não louvais a Deus senão do coração, como um homem entre aqueles que não entendem senão a sua própria língua, responderá Amém, ao fim de vossa ação de graça, uma vez que não entende o que dissestes? - Não é que a vossa ação de graça não seja boa, mas os outros não estão dela edificadas.'

(São Paulo, 1a. Ep. aos Coríntios, cap. XIV, v. 11, 14, 16, 17.)

É impossível condenar de maneira mais formal e mais lógica o uso de preces ininteligíveis.

Pode-se admirar que seja tão pouco levada em conta a autoridade de São Paulo sobre esse ponto, desde que ela é tão frequentemente evocada sobre outros. Poder-se-ia dizer outro tanto da maioria dos escritores sacros considerados como as luzes da Igreja, e dos quais todos os preceitos estão longe de serem postos em prática.

Uma condição essencial da prece é, pois, segundo São Paulo, de ser inteligível, a fim de que possa falar ao nosso espírito; para isto não basta que seja dita numa língua compreendida por aquele que ora; há preces em linguagem vulgar que não dizem muito mais ao pensamento do que se estivessem em língua estrangeira, e que, por isso mesmo, não vão ao coração; as raras ideias que elas contêm, frequentemente, são abafadas sob a superabundância das palavras e do misticismo da linguagem.

A principal qualidade da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos que não são senão enfeites de lantejoulas; cada palavra deve ter sua importância, revelar um pensamento, movimentar uma fibra; em uma palavra, deve fazer refletir; só com esta condição a prece pode alcançar seu objetivo, de outro modo não é senão ruído. Também vedes com que ar de distração e com que volubilidade elas são ditas na maioria do tempo; veem-se os lábios que se movimentam, mas, pela expressão da fisionomia, mesmo ao som da voz, reconhece-se um ato maquinal, puramente exterior, ao qual a alma permanece indiferente.

O mais perfeito modelo de concisão com relação à prece, sem contradita, é a Oração dominical, verdadeira obra-prima de sublimidade em sua simplicidade; sob a forma mais restrita ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo.

No entanto, em razão de sua própria brevidade, o sentido profundo, encerrado nas poucas palavras das quais ele se compõem, escapa à maioria; os comentários que foram dados a esse respeito não estão sempre presentes na memória, ou mesmo são desconhecidos da maioria; é porque dizem-na, geralmente, sem dirigir-se o pensamento sobre as aplicações de cada uma de suas partes, é dita como uma fórmula cuja eficácia é proporcional ao número de vezes que é repetida; ora, é quase sempre um dos números cabalísticos três, sete ou nove, tirados da antiga crença na virtude dos números, e em uso nas operações da magia."

(Revista Espírita de agosto de 1864.)

Dito isso, Kardec apresentou o que considerou uma versão ideal da Oração Dominical, cujo fecho é o texto abaixo transcrito:

"VII. Assim seja.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXVII)

Praza a vós, Senhor, que nossos desejos se cumpram! Mas nós nos inclinamos diante de vossa sabedoria infinita. Sobre todas as coisas que não nos é dado compreender, seja feito segundo vossa santa vontade, e não segundo a nossa, porque não quereis senão nosso bem, e sabeis melhor do que nós o que nos é útil. Nós vos dirigimos esta prece, ó meu Deus! por nós mesmos, e por todas as almas sofredoras, encarnadas e desencarnadas, por nossos amigos e nossos inimigos, por todos aqueles que reclamam a nossa assistência. Pedimos sobre todos a vossa misericórdia e a vossa bênção.”

Texto idêntico, com a frase “Assim seja” no lugar de “Amém”, aparece em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. XXVIII, o que responde à pergunta formulada pelo leitor.

(1) A Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo foi o título inicial do livro “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Kardec, publicado em 1864.

5. Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores

18. Os Espíritos sofredores reclamam preces e estas lhes são proveitosas, porque, verificando que há quem neles pense, menos abandonados se sentem, menos infelizes. Entretanto, a prece tem sobre eles ação mais direta: reanima-os, incute-lhes o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação e, possivelmente, desvia-lhes do mal o pensamento. É nesse sentido que lhes pode não só aliviar, como abreviar os sofrimentos.

(Veja-se: O céu e o inferno, 2a Parte, Exemplos.)

19. Pessoas há que não admitem a prece pelos mortos, porque, segundo acreditam, a alma só tem duas alternativas: ser salva ou ser condenada às penas eternas, resultando, pois, em ambos os casos, inútil a prece. Sem discutir o valor dessa crença, admitamos, por instantes, a realidade das penas eternas e irremissíveis e que as nossas preces sejam impotentes para lhes pôr termo. Perguntamos se, nessa hipótese, será lógico, será caridoso, será cristão recusar a prece pelos réprobos? Tais preces, por mais impotentes que fossem para os liberar, não lhes seriam uma demonstração de piedade capaz de abrandar-lhes os sofrimentos? Na Terra, quando um homem é condenado a galés perpétuas, quando mesmo não haja a mínima esperança de obter-se para ele perdão, será defeso a uma pessoa caridosa ir carregar-lhe os grilhões, para aliviá-lo do peso destes? Sendo alguém atacado de mal incurável, dever-se-á, por não haver para o doente esperança nenhuma de cura, abandoná-lo, sem lhe proporcionar qualquer alívio? Lembrai-vos de que, entre os réprobos, pode achar-se uma pessoa que vos foi cara, um amigo, talvez um pai, uma mãe, ou um filho, e dizei se, não havendo, segundo credes, possibilidade de ser perdoado esse ente, lhe recusaríeis um copo de água para mitigar-lhe a sede? Um bálsamo que lhe seque as chagas? Não faríeis por ele o que faríeis por um galé? Não lhe daríeis uma prova de amor, uma consolação? Não, isso cristão não seria. Uma crença que petrifica o coração é incompatível com a crença em um Deus que põe na primeira categoria dos deveres o amor ao próximo.

A não eternidade das penas não implica a negação de uma penalidade temporária, dado não ser possível que Deus, em sua justiça, confunda o bem e o mal. Ora, negar, neste caso, a eficácia da prece, fora negar a eficácia da consolação, dos encorajamentos, dos bons conselhos; fora negar a força que haurimos da assistência moral dos que nos querem bem.

20. Outros se fundam numa razão mais especiosa: a imutabilidade dos decretos divinos. Deus, dizem esses, não pode mudar as suas decisões a pedido das criaturas; a não ser assim, careceria de estabilidade o mundo. O homem, pois, nada tem de pedir a Deus, só lhe cabendo submeter-se e adorá-lo.

Há, nesse modo de raciocinar, uma aplicação falsa do princípio da imutabilidade da Lei divina, ou melhor, ignorância da lei, no que concerne à penalidade futura. Essa lei revelam-na hoje os Espíritos do Senhor, quando o homem se tornou suficientemente maduro para compreender o que, na fé, é conforme ou contrário aos atributos divinos.

Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, não se levam em conta ao culpado os remorsos, nem o arrependimento. É-lhe inútil todo desejo de melhorar-se: está condenado a conservar-se perpetuamente no mal. Se a sua condenação foi por determinado tempo, a pena cessará, uma vez expirado esse tempo. Mas quem poderá afirmar que ele então possua melhores sentimentos? Quem poderá dizer que, a exemplo de muitos condenados da Terra, ao sair da prisão, ele não seja tão mau quanto antes? No primeiro caso, seria manter na dor do castigo um homem que volveu ao bem; no segundo, seria agraciar a um que continua culpado. A Lei de Deus é mais previdente. Sempre justa, equitativa e misericordiosa, não estabelece para a pena, qualquer que esta seja, duração alguma. Ela se resume assim:

21. “O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à Lei de Deus que fique sem a correspondente punição.

“A severidade do castigo é proporcionada à gravidade da falta.

“Indeterminada é a duração do castigo, para qualquer falta; fica subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno à senda do bem; a pena dura tanto quanto a obstinação no mal; seria perpétua, se perpétua fosse a obstinação; dura pouco, se pronto é o arrependimento.

“Desde que o culpado clame por misericórdia, Deus o ouve e lhe concede a esperança. Mas não basta o simples pesar do mal causado; é necessária a reparação, pelo que o culpado se vê submetido a novas provas em que pode, sempre por sua livre vontade, praticar o bem, reparando o mal que haja feito.

“O homem é, assim, constantemente, o árbitro de sua própria sorte; pertence-lhe abreviar ou prolongar indefinidamente o seu suplício; a sua felicidade ou a sua desgraça dependem da vontade que tenha de praticar o bem.”

Tal a lei, lei imutável e em conformidade com a bondade e a Justiça de Deus.

Assim, o Espírito culpado e infeliz pode sempre salvar-se a si mesmo: a Lei de Deus estabelece a condição em que se lhe torna possível fazê-lo.

O que as mais das vezes lhe falta é a vontade, a força, a coragem. Se, por nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e animamos; se, pelos nossos conselhos, lhe damos as luzes de que carece, em lugar de pedirmos a Deus que derogue a sua lei, tornamo-nos instrumentos da execução de outra lei, também sua, a de amor e de caridade, execução em que, desse modo, Ele nos permite participar, dando nós mesmos, com isso, uma prova de caridade. (Veja-se O céu e o inferno, 1ª Parte, caps. IV, VII, VIII.)

374. É útil orar pelos mortos e pelos Espíritos sofredores. A prece não pode ter por efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma por quem se ora experimenta alívio, um refrigério, por haver encontrado almas caridosas que se compadecem de suas dores. Assim, pode-se abreviar a pena, se, por sua parte, ele secunda a prece com a boa vontade. O desejo de melhorar-se, despertado pela prece, atrai para junto do Espírito sofredor Espíritos melhores que o vão esclarecer, consolar e dar-lhe esperanças.

(L.E., 664 e 665)

375. Pode-se orar aos bons Espíritos, como sendo os mensageiros de Deus e os executores de sua vontade. O poder deles está, porém, em relação com a superioridade que tenham alcançado e dimana sempre do Senhor de todas as coisas, sem cuja permissão nada se faz.

(L.E., 666)

376. A concepção da existência de um Deus único resultou do desenvolvimento das ideias humanas. No princípio, tudo o que parecia ultrapassar os limites da inteligência comum era, para o homem, uma divindade. Tudo o que não compreendia devia ser obra de uma potência sobrenatural. Daí a crer em tantas potências distintas quantos fossem os efeitos, foi um passo. Em todos os tempos, porém, existiram homens instruídos que compreenderam ser impossível a existência desses poderes múltiplos a governar o mundo, sem uma direção superior: eis aí o germe da concepção de um Deus único.

(L.E., 667)

377. A palavra deus tinha, entre os antigos, acepção muito ampla. Era uma qualificação genérica que se dava a todo ser existente fora das condições da Humanidade. Ora, tendo-lhes as manifestações espíritas revelado a existência de seres incorpóreos, deram a esses seres o nome de deuses, como nós lhes damos atualmente o de Espíritos.

(L.E., 668)

378. Os povos fanáticos que promovem as chamadas guerras santas são impelidos pelos maus Espíritos e seus atos contrariam a vontade de Deus, que manda: ame cada um o seu irmão como a si mesmo. Devemos esforçar-nos por difundir a doutrina do Salvador com persuasão e brandura, nunca a ferro e fogo. (L.E., 671)

379. A prece proferida do fundo da alma é cem vezes mais agradável a Deus do que todas as oferendas que lhe possais fazer.

(L.E., 672)

380. Deus abençoa sempre os que fazem o bem. O melhor meio de honrá-lo consiste em minorar os sofrimentos dos pobres e dos aflitos. O homem que se atém às exterioridades e não ao coração é um Espírito de vistas acanhadas.

(L.E., 673)

Questões propostas

A. Em que consiste a adoração e qual a forma de adoração que Deus prefere?

R. No sentido espiritual, adoração significa elevação do pensamento a Deus. A adoração verdadeira é do coração, por isso Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que julgam honrá-lo com cerimônias que os não tornam melhores para com os seus semelhantes. Somente nos lábios e não na alma tem religião aquele que professa adorar a Deus, mas que é orgulhoso, invejoso e cioso, duro e implacável para com outrem, ou ambicioso dos bens deste mundo.

(O Livro dos Espíritos, questões 649, 650, 653, 654 e 657.)

B. Que é prece e qual a sua finalidade? A prece torna o homem melhor?

R. A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com ele. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: louvar, pedir, agradecer. A prece torna melhor o homem, porque aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo.

(Obra citada, questões 658 a 660 e 663.)

C. Considerando que podemos orar pelos outros, inclusive pelos que já se encontram desencarnados, pode a prece mudar a natureza de nossas provas?

R. As provas a que nos submetemos estão nas mãos de Deus e algumas há que têm de ser suportadas até o fim; mas Deus sempre leva em conta a resignação. A prece traz para junto de nós os bons Espíritos e, dando-nos estes a força para suportá-las corajosamente, menos rudes elas nos parecem.

Com relação às pessoas por quem oramos, a prece não pode ter por efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma por quem se ora experimenta alívio, porque recebe assim um testemunho do interesse que inspira aquele que por ela pede e também porque o desgraçado sente sempre um refrigério, quando encontra almas caridosas que se compadecem de suas dores. Por outro lado, mediante a prece, aquele que ora concita o infeliz ao arrependimento e ao desejo de fazer o que é necessário para ser feliz. Neste sentido é que se lhe pode abreviar a pena, se, por sua parte, ele secunda a prece com a boa vontade. O desejo de melhorar-se, despertado pela prece, atrai para junto do Espírito sofredor Espíritos melhores, que o vão esclarecer, consolar e dar-lhe esperanças. Jesus orava pelas ovelhas desgarradas, mostrando-nos, desse modo, que culpados seremos se não fizermos o mesmo por aqueles que mais necessitam de nossas preces.

(Obra citada, questões 662, 663 e 664.)

D. De onde se originaram os sacrifícios humanos praticados pelos homens com o fito de agradar a Deus?

R. Dois foram os motivos que levaram os homens a essa prática. O primeiro é que os povos mais antigos não compreendiam Deus como sendo a fonte da bondade, mesmo porque o senso moral neles próprios não se achava desenvolvido. O segundo motivo é que acreditavam que uma criatura animada teria, aos olhos de Deus, mais valor do que um corpo material ou inanimado. Foi por isso que começaram a imolar, inicialmente, animais e, mais tarde, homens. De conformidade com a falsa crença que possuíam, pensavam que o valor do sacrifício era proporcional à importância da vítima. Não foi, portanto, o sentimento de crueldade que motivou tais práticas, mas sim a falsa ideia de que agradariam a Deus agindo daquela forma.

(Obra citada, questões 669 e 670.)

E. Os sacrifícios de animais e de pessoas são agradáveis a Deus?

R. Não, nunca foram. Deus, porém, julga pela intenção. Sendo ignorantes os homens, natural era que supusessem praticar ato louvável imolando seus semelhantes. Nesses casos, Deus atentava unicamente na ideia que presidia ao ato e não neste. À proporção que se foram melhorando, os homens passaram a reconhecer o erro em que laboravam e, por fim, aboliram de seus costumes essas práticas.

(Obra citada, questões 669 a 673.)

O Livro dos Espíritos
(Miramez)

**V. Da prece pelos mortos e pelos
Espíritos sofredores**

Orar pelos mortos

Devemos sempre orar pelos Espíritos desencarnados, principalmente pelos sofredores que ignoram a bondade de Deus.

Mesmo que seja uma alma devedora em todas as circunstâncias, violenta em todas as suas atividades, devemos a ela um gesto cristão, oferecendo as nossas orações, o nosso carinho, para que possa modificar suas intenções e despertar em seu coração o interesse de ser útil aos que sofrem igualmente.

Não é perda de tempo, como alguns pensam, e certas filosofias ensinam; é dever do homem de bem orar pelos que sofrem ou causam sofrimento aos outros.

São os doentes que precisam ser tratados.

A prece não vai mudar os desígnios de Deus, nem diminuir as provas dos que incorreram em faltas, porém é força poderosa que parte do coração misericordioso que se instrui com Jesus.

O Mestre é a misericórdia viva que veio de Deus para a humanidade.

A oração tem o poder de levar ao desesperado a paciência; ao violento, a calma, ao odiento, o amor, ao sofredor, o alívio.

É nesse processo de socorro que se vê o tesouro da prece, quando feita por amor às criaturas.

E, ainda mais, a súplica direcionada a outrem tem a propriedade de condicionar no Espírito visado os sentimentos que a acompanham, de modo que o aliviado medite sobre essas bênçãos e tenha o ensejo de modificar seu modo de vida, passando a trabalhar dentro de si e aprimorando seus pensamentos, palavras e obras, pelo simples toque de uma oração a serviço da caridade.

Oremos sempre, entretanto, esquecendo o fanatismo que sempre carrega consigo o apego às coisas materiais, acreditando mais nas formas do que na energia que circula em nome d'Aquele que é tudo para nós outros.

Se devemos orar pelos mortos? Claro que devemos; eles são os mesmos que antes carregavam um fardo físico, e a energia circulante e divina da oração, quando é doada por amor, tem o poder de buscar a criatura visada em qualquer lugar do universo em frações que segundo, envolvendo o Espírito doente e abatido no carinho e no amor que se desprende dos sentimentos de quem ofertou a oração nas linhas da caridade.

Para saber orar do modo que Jesus ensinou, necessário se faz que amemos a Deus sobre todas as coisas, e em todas as coisas.

Nesse ritmo de súplica, o que ora já está vislumbrando o reino da felicidade e gozando do reino de Deus, como Espírito livre de todos os agravos com que a humanidade possa tentar atingir seu coração.

Para buscar no Evangelho mais segurança quanto à conduta da alma iluminada, verifiquemos o que o Mestre disse, anotado por Marcos, no capítulo doze, versículo trinta e quatro:

Vendo Jesus que ele havia respondido sabiamente, declarou-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E já ninguém mais ousava interrogá-lo.

O primeiro passo para o caminho da serenidade é não responder à ofensa, porque o agravo vem com o magnetismo inferior do ofensor e cria ambiente para discussões estéreis, de modo que pode surgir a discórdia e mesmo inimizade, a durarem por tempo indeterminado.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXVII)

A violência é fonte de sofrimento e de mal-estar, e em seu lugar deve nascer o perdão, porque ele asserena todas as fúrias.

Se o ofensor continuar, os Espíritos superiores isolarão suas investidas no homem de bem, e ele ficará a sós com as suas maldades e suas paixões inferiores.

É útil, sim, orar pelos Espíritos sofredores em qualquer estágio em que se encontrarem, pois a prece do coração em Cristo é luz que estabiliza a harmonia, onde for direcionada.

Miramez, Filosofia espírita, (psicografia João Nunes Maia), (volume XIV, questão 664)

6. Instrução dos Espíritos 1. Maneira de orar

22. O dever primordial de toda criatura humana, o primeiro ato que deve assinalar a sua volta à vida ativa de cada dia, é a prece. Quase todos vós orais, mas quão poucos são os que sabem orar! Que importam ao Senhor as frases que maquinalmente articulais umas às outras, fazendo disso um hábito, um dever que cumpris e que vos pesa como qualquer dever?

A prece do cristão, do espírita, seja qual for o culto, deve ele dizê-la logo que o Espírito haja retomado o jugo da carne; deve elevar-se aos pés da majestade divina com humildade, com profundidade, num ímpeto de reconhecimento por todos os benefícios recebidos até aquele dia; pela noite transcorrida e durante a qual lhe foi permitido, ainda que sem consciência disso, ir ter com os seus amigos, com os seus guias, para haurir, no contato com eles, mais força e perseverança. Deve ela subir humilde aos pés do Senhor, para lhe recomendar a vossa fraqueza, para lhe suplicar amparo, indulgência e misericórdia. Deve ser profunda, porquanto é a vossa alma que tem de elevar-se para o Criador, de transfigurar-se, como Jesus no Tabor, a fim de lá chegar nívea e radiosa de esperança e de amor.

A vossa prece deve conter o pedido das graças de que necessitais, mas de que necessitais em realidade. Inútil, portanto, pedir ao Senhor que vos abrevie as provas, que vos dê alegrias e riquezas. Rogai-lhe que vos conceda os bens mais preciosos da paciência, da resignação e da fé. Não digais, como o fazem muitos: “Não vale a pena orar, porquanto Deus não me atende.” Que é o que, na maioria dos casos, pedis a Deus? Já vos tendes lembrado de pedir-lhe a vossa melhoria moral? Oh! não; bem poucas vezes o tendes feito. O que preferentemente vos lembrais de pedir é o bom êxito para os vossos empreendimentos terrenos e haveis com frequência exclamado: “Deus não se ocupa conosco; se se ocupasse, não se verificariam tantas injustiças.” Insensatos! Ingratos! Se descêsseis ao fundo da vossa consciência, quase sem predepararíeis, em vós mesmos, com o ponto de partida dos males de que vos queixais. Pedi, pois, antes de tudo, que vos possais melhorar e vereis que torrente de graças e de consolações se derramará sobre vós.

(Cap. V, item 4.)

Deveis orar incessantemente, sem que, para isso, se faça mister vos recolhais ao vosso oratório, ou vos lanceis de joelhos nas praças públicas.

A prece do dia é o cumprimento dos vossos deveres, sem exceção de nenhum, qualquer que seja a natureza deles. Não é ato de amor a Deus assistirdes os vossos irmãos numa necessidade, moral ou física? Não é ato de reconhecimento o elevardes a Ele o vosso pensamento, quando uma felicidade vos advém, quando evitais um acidente, quando mesmo uma simples contrariedade apenas vos roça a alma, desde que vos não esqueçais de exclamar: Sede bendito, meu Pai?! Não é ato de contrição o vos humilhades diante do supremo Juiz, quando sentis que falistes, ainda que somente por um pensamento fugaz, para lhe dizerdes: Perdoai-me, meu Deus, pois pequei (por orgulho, por egoísmo, ou por falta de caridade); dai-me forças para não falir de novo e coragem para a reparação da minha falta?!

Isso independe das preces regulares da manhã, da noite e dos dias consagrados. Como o vedes, a prece pode ser de todos os instantes, sem nenhuma interrupção acarretar aos vossos trabalhos. Dita assim, ela, ao contrário, os santifica. Tende como certo que um só desses pensamentos, se partir do coração, é mais ouvido pelo vosso Pai celestial do que as longas orações ditas por hábito, muitas vezes sem causa determinante e às quais apenas maquinalmente vos chama a hora convencional.

– V. Monod. (Bordeaux, 1862.)

Editorial

Nº 172 – 22/08/2010

O Consolador

VI. Instruções dos Espíritos

I. Maneira de orar

Por que orar

Há pessoas que não creem, em absoluto, na validade da prece e assim procedem durante toda a sua existência, até que a provação, surgida sob a forma de enfermidade irreversível ou da ruína nos negócios, abata seu orgulho e as leve à meditação em Deus.

Certo amigo que nas horas vagas colaborava com assiduidade num dos hospitais da cidade, relatou-nos oportunamente como era o comportamento de determinadas criaturas de vida abastada quando, internadas naquele hospital, tomavam conhecimento da gravidade de sua enfermidade.

Ciente de antemão do caso, nosso amigo sugeria ao enfermo, em particular, a presença de um sacerdote para – quem sabe? – o necessário desabafo. A resposta era, contudo, no início, invariavelmente desanimadora: “Não creio em padre nem em religião nenhuma!”

Com o passar dos dias, toda doença insidiosa mostra os sinais de sua dureza e determinação. A família passa a rodear o enfermo, os parentes chegam de todos os cantos e, evidentemente, o resultado não se fazia esperar. O enfermo acabava enviando ao amigo o esperado recado: “Se o senhor quiser, não me importo com a vinda do sacerdote”, ou seja, quando a ciência se revela impotente e o dinheiro nada mais pode fazer, só resta recorrer à religião, como último recurso na busca de melhores dias.

Com as pessoas de vida mais singela o fato se passa de forma diferente. A escassez de recursos e a simplicidade da vida fazem com que esses irmãos sintam, geralmente, na prece um elemento importante em suas vidas e, talvez, o único recurso diante das vicissitudes.

O convívio com famílias que vivem na periferia da cidade comprova isso. Essas pessoas, não raro, acompanham a oração com seriedade e gosto. Sim, com gosto, alegria, interesse, compreensão.

É que a prece sincera transforma nosso estado d’alma e, quando fervorosa, traz-nos uma paz indefinida, assentando por alguns momentos uma vida nova em nosso campo mental.

Por que a prece conforta tanto?

Que mistério profundo encerra essa comunhão que os povos mais antigos já cultuavam?

O Espiritismo trata do tema com respeito e carinho, ao definir a prece como sendo um ato de adoração a Deus e, ao mesmo tempo, uma conversa com o Criador ou seus prepostos.

Sendo um ato de adoração, ela agrada ao Senhor e nos torna melhores, não requerendo para isso uma forma exterior determinada ou uma dissertação alongada. Seu conteúdo é que vale, a atitude de quem ora é que importa, cientes todos nós de que a prece deve ser espontânea, objetiva e repleta de sentimentos elevados.

Do mesmo modo como Jesus ensinou, propõe-nos o Espiritismo que devemos orar em secreto, visto que, tratando-se de uma invocação e uma conversa íntima, ela requer os mesmos cuidados que temos quando desenvolvemos com alguém um entendimento particular.

Ensina Emmanuel: “A prece deve ser cultivada no íntimo, como a luz que se acende para o caminho tenebroso ou como o alimento indispensável na jornada longa e difícil, porque a oração sincera estabelece a vigilância e constitui o maior fator de resistência moral no centro das provações mais escabrosas e mais rudes”

(O Consolador, pergunta 245).

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXVII)

Há, como sabemos, vários modelos de prece. O Pai Nosso, a prece de Caritas, a oração de São Francisco de Assis, todas são peças de altíssimo valor literário e sentimental.

O essencial, contudo, não é o que elas dizem, mas como as dizemos, o que sentimos ao dizê-las, a maneira, enfim, como as vivenciamos, sobretudo no momento de pô-las em execução.

Editorial

Nº 330 – 22/09/2013

O Consolador - (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Evangelho segundo o Espiritismo

VI. Instruções dos Espíritos

I. Maneira de orar

Texto para leitura

377. Mesmo que o homem nada pudesse com relação aos outros males, e que a prece lhe fosse inútil para livrar-se deles, já não seria muito ter a possibilidade de ficar isento dos demais, que decorrem de sua maneira de proceder? Ora, aqui se concebe com facilidade a ação da prece, visto ter ela por efeito atrair a salutar inspiração dos bons Espíritos e granjear deles forças para resistir aos maus pensamentos cuja realização nos pode ser funesta.

Nesse caso, o que eles fazem não é afastar de nós o mal, mas, sim, desviar-nos do mau pensamento que nos pode causar dano.

Desse modo, eles em nada obstem ao cumprimento dos decretos de Deus, nem suspendem o curso das leis naturais; apenas evitam que as infringamos, dirigindo o nosso livre-arbítrio.

Agem, porém, à nossa revelia, de maneira imperceptível, para não nos subjugar a vontade.

(Cap. XXVII, item 12.)

378. O homem se acha então na posição de alguém que solicita bons conselhos e os põe em prática, mas conservando a liberdade de segui-los ou não.

Deus quer que seja assim, para que todos tenham a responsabilidade dos seus atos e o mérito da escolha entre o bem e o mal.

É isso o que o homem pode estar sempre certo de receber, se o pedir com fervor, sendo, pois, a isso que se podem sobretudo aplicar estas palavras: “Pedi e obtereis”.

(Cap. XXVII, item 12.)

379. Os efeitos da prece, contudo, não se limitam a isso. Eis por que todos os Espíritos a recomendam. Renunciar à prece é negar a bondade de Deus; é recusar, para nós, a sua assistência e, com relação aos outros, abrir mão do bem que lhes podemos fazer.

(Cap. XXVII, item 12.)

380. Acedendo ao pedido que se lhe faz, Deus muitas vezes objetiva recompensar a intenção, o devotamento e a fé daquele que ora.

Daí decorre que a prece do homem de bem tem mais merecimento aos olhos de Deus e maior eficácia, porque o homem vicioso e mau não pode orar com o fervor e a confiança que somente nascem do sentimento da verdadeira piedade.

(Cap. XXVII, item 13.)

381. Como a prece exerce uma espécie de ação magnética, poder-se-ia supor que seu efeito depende da força fluídica daquele que ora.

Mas assim não é, porquanto, exercendo sobre os homens essa ação, os Espíritos, se preciso, suprem a insuficiência daquele que ora, ou agindo diretamente em seu nome, ou dando-lhe momentaneamente uma força excepcional, quando o julgam digno dessa graça ou quando ela lhe pode ser proveitosa.

(Cap. XXVII, item 14.)

382. A pessoa que não se considere suficientemente boa para exercer salutar influência não deve por isso abster-se de orar a bem de outrem, com a ideia de que não é digna de ser escutada.

A consciência de sua inferioridade constitui prova de humildade, grata sempre a Deus, que leva em conta a intenção caridosa que a anima.

Seu fervor e sua confiança são, pois, um primeiro passo para a sua conversão ao bem, conversão que os Espíritos bons se sentem ditosos em incentivar.

Repelida só o é a prece do orgulhoso que deposita fé no seu poder e nos seus merecimentos e acredita ser-lhe possível sobrepor-se à vontade do Eterno. (Cap. XXVII, item 14.)

383. O poder da prece está no pensamento e independe, assim, das palavras, do lugar e do momento em que seja feita.

Pode-se, pois, orar em toda parte e a qualquer hora, a sós ou em comum. A influência do lugar ou do tempo só se faz sentir nas circunstâncias que favoreçam o recolhimento.

A prece em comum tem ação mais poderosa, quando todos os que oram se associam de coração a um mesmo pensamento e colimam o mesmo objetivo, porquanto é como se muitos clamassem juntos e em uníssono.

(Cap. XXVII, item 15.)

384. Disse Paulo aos Coríntios: “Se oro numa língua que não entendo, meu coração ora, mas a minha inteligência não colhe fruto.

Se louvais a Deus apenas de coração, como é que um homem do número daqueles que só entendem a sua própria língua responderá amém no fim da vossa ação de graças, uma vez que ele não entende o que dizeis? Não é que a vossa ação não seja boa, mas os outros não se edificam com ela”. (1ª Epístola aos Coríntios, cap. XIV, 11 a 17.) A prece só tem valor pelo pensamento que lhe está conjugado. Ora, é impossível conjugar um pensamento qualquer ao que não se compreende, porquanto o que não se compreende não pode tocar o coração.

(Cap. XXVII, itens 16 e 17.)

385. Os Espíritos sofredores reclamam preces e estas lhes são proveitosas, porque menos abandonados e menos infelizes se sentem, quando verificam que há alguém que neles pensa.

Mas a prece tem sobre eles uma ação mais direta: reanima-os, incute-lhes o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação e, possivelmente, desvia-lhes do mal o pensamento.

É nesse sentido que lhes pode não apenas aliviar, como abreviar os sofrimentos.

(Cap. XXVII, item 18.)

386. Não existem penas eternas; a lei de Deus é mais providente. Sempre justa, equitativa e misericordiosa, não estabelece para a pena, qualquer que esta seja, duração alguma.

(Cap. XXVII, item 20.)

387. A lei do Pai pode resumir-se assim:

a) O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à lei de Deus que fique sem a correspondente punição.

b) A severidade do castigo é proporcionada à gravidade da falta.

c) Indeterminada é a duração do castigo, para qualquer falta; fica subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno à senda do bem. A pena dura tanto quanto a obstinação no mal: seria perpétua, se perpétua fosse a obstinação; dura pouco, se pronto é o arrependimento.

d) Desde que o culpado clame por misericórdia, Deus o ouve e lhe concede a esperança. Mas não basta o simples pesar do mal causado; é necessária a reparação, razão por que o culpado se vê submetido a novas provas em que pode sempre, por sua vontade, praticar o bem, reparando o mal que haja feito.

e) O homem é, assim, o árbitro de sua própria sorte; pertence-lhe abreviar ou prolongar indefinidamente o seu suplício. A sua felicidade ou a sua desgraça dependem da vontade que tenha de praticar o bem.

(Cap. XXVII, item 21.)

Questões propostas

A. Onde reside, efetivamente, o poder da prece?

R. O poder da prece está no pensamento.

Pode-se, portanto, orar em toda parte e a qualquer hora, a sós ou em comum.

A influência do lugar ou do tempo só se faz sentir nas circunstâncias que favoreçam o recolhimento.

(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXVII, itens 14 e 15.)

B. A prece é útil aos Espíritos sofredores?

R. Sim. As preces lhes são proveitosas, porque, verificando que há quem neles pense, menos abandonados e menos infelizes se sentem.

Além disso, a prece tem sobre eles ação mais direta: reanima-os, incute-lhes o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação e, possivelmente, desvia-lhes do mal o pensamento.

É nesse sentido que a prece pode não só aliviar, como abreviar seus sofrimentos.

(Obra citada, cap. XXVII, itens 18 a 21.)

C. Quando e de que maneira devemos orar?

R. Além das preces regulares da manhã e da noite e dos dias consagrados, a prece pode ser dita em qualquer momento.

Quanto à maneira de orar, devemos fazê-lo com humildade, agradecendo a Deus por todos os benefícios que temos recebido.

A prece de pedido deve limitar-se às graças de que necessitamos realmente, sendo inútil, porém, pedir ao Senhor que nos abrevie as provas, que nos dê alegrias e riquezas.

Com efeito, devemos rogar ao Pai que nos conceda os bens preciosos da paciência, da resignação e da fé e, sobretudo, a força que nos permita melhorar-nos a cada dia.

(Obra citada, cap. XXVII, item 22.)

D. Que alegrias resultam da prece?

R. A prece é o orvalho divino que aplaca o calor excessivo das paixões. Filha primogênita da fé, ela nos encaminha para a senda que conduz a Deus.

No recolhimento e na solidão, estaremos com Deus. Avancemos pelas veredas da prece e ouviremos as vozes dos anjos.

Que harmonia! Já não são o ruído confuso e os sons estrídulos da Terra; são as liras dos arcanjos; são as vozes brandas e suaves dos serafins, mais delicadas do que as brisas matinais, quando brincam na folhagem dos nossos bosques. Por entre que delícias não caminharemos! Nossa linguagem não poderá exprimir essa ventura, tão rápida entra ela por todos os nossos poros, tão vivo e refrigerante é o manancial em que, orando, se bebe.

Doces vozes, inebriantes perfumes, que a alma ouve e aspira, quando se lança a essas esferas desconhecidas e habitadas pela prece! Sem mescla de desejos carnis, são divinas todas as aspirações. Carreguemos, como o Cristo, a nossa cruz e sentiremos as doces emoções que lhe perpassavam na alma, se bem que vergado ao peso de um madeiro infamante.

(Obra citada, cap. XXVII, item 23.)

6. Instrução dos Espíritos 2. Felicidade que a prece proporciona

23. Vinde, vós que desejais crer. Os Espíritos celestes acorrem a vos anunciar grandes coisas. Deus, meus filhos, abre os seus tesouros, para vos outorgar todos os benefícios. Homens incrédulos! Se soubésseis quão grande bem faz a fé ao coração e como induz a alma ao arrependimento e à prece! A prece! ah!. Como são tocantes as palavras que saem da boca daquele que ora! A prece é o orvalho divino que aplaca o calor excessivo das paixões. Filha primogênita da fé, ela nos encaminha para a senda que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, estais com Deus. Para vós, já não há mistérios; eles se vos desvendam. Apóstolos do pensamento, é para vós a vida. Vossa alma se desprende da matéria e rola por esses mundos infinitos e etéreos, que os pobres humanos desconhecem.

Avançai, avançai pelas veredas da prece e ouvireis as vozes dos anjos. Que harmonia! Já não são o ruído confuso e os sons estrídulos da Terra; são as liras dos arcanjos; são as vozes brandas e suaves dos serafins, mais delicadas do que as brisas matinais, quando brincam na folhagem dos vossos bosques. Por entre que delícias não caminhareis! A vossa linguagem não poderá exprimir essa ventura, tão rápida entra ela por todos os vossos poros, tão vivo e refrigerante é o manancial em que, orando, se bebe. Dulçorosas vozes, inebriantes perfumes, que a alma ouve e aspira, quando se lança a essas esferas desconhecidas e habitadas pela prece! Sem mescla de desejos carnis, são divinas todas as aspirações. Também vós, orai como o Cristo, levando a sua cruz ao Gólgota, ao Calvário. Carregai a vossa cruz e sentireis as doces emoções que lhe perpassavam na alma, se bem que vergado ao peso de um madeiro infamante. Ele ia morrer, mas para viver, a vida celestial na morada de seu Pai.
– Santo Agostinho. (Paris, 1861.)

Crônicas e Artigos

Nº 252 – 18/03/2012

O Consolador – (Francisco Rebouças)

VI. Instruções dos Espíritos

II. Felicidade que a prece proporciona

A prece e seus efeitos

oração fazia parte das rígidas disciplinas do culto judaico. Os judeus rezavam duas vezes por dia, mais ou menos às 9 e 13 horas, postados em direção a Jerusalém. Na cidade santa, voltavam-se para o Templo. Muitos faziam dessa prática um recurso de ostentação e religiosidade (é bem mais fácil aparentar contrição do que viver os princípios religiosos). Achavam que através do culto exterior se habilitariam ao recebimento das graças, divinas, esquecendo-se de que a religião visa principalmente à renovação moral do indivíduo.

Jesus referia-se a eles como sepulcros caiados, brancos por fora e cheios de podridão por dentro! Uma imagem forte, mas real. Não há nada mais lamentável do que a falsa religiosidade!

O Evangelho segundo o Espiritismo – CAPÍTULO XXVII

Também disse esta parábola a alguns que punham a sua confiança em si mesmos, como sendo justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu, publicano o outro. - O fariseu, conservando-se de pé, orava assim, consigo mesmo: Meu Deus, rendo-vos graças por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como esse publicano. Jejuo duas vezes na semana; dou o dízimo de tudo o que possuo.

O publicano, ao contrário, conservando-se afastado, não ousava, sequer, erguer os olhos ao céu; mas batia no peito, dizendo: Meu Deus, tem piedade de mim, que sou um pecador.

Declaro-vos que este voltou para a sua casa, justificado, e o outro não; porquanto, aquele que se eleva será rebaixado e aquele que se humilha será elevado.
(S. LUCAS, cap. XVIII, vv. 9 a 14.)

Jesus definiu claramente as qualidades da prece. Quando orardes, diz ele, não vos ponhais em evidência; antes, orai em secreto. Não afeteis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas. Antes de orardes, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, visto que a prece não pode ser agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinai os vossos defeitos, não as vossas qualidades e, se vos comparardes aos outros, procurai o que há em vós de mau.
(Cap. X, nº 7 e nº 8.)

Donde podemos concluir que a prece deve ser feita com o coração, e não com os atos e gestos espalhafatosos, que indiquem que estamos orando; é momento de meditação e concentração em que devemos estar em contato com forças superiores em sabedoria e amor.

Entre os egípcios e hindus, chineses e persas, gregos e cipriotas, gauleses e romanos, a prece expressando invocação e louvor, adoração ou meditação é o agente refletor do Plano Celeste sobre a alma do homem.

Orando, Moisés recolhe no Monte Sinai os mandamentos que alicerçam a justiça de todos os tempos, e, igualmente em prece, seja nas margens do Genesaré ou em pleno Tabor, respirando o silêncio de Getsêmani ou nos braços da cruz, o Cristo revela na oração o reflexo condicionado de natureza divina, suscetível de facultar a sintonia entre a criatura e o Criador.

A oração, em essência, expressa sentimentos.

Crônicas e Artigos

Nº 44 – 24/02/2008

O Consolador – (Rogério Coelho)

VI. Instruções dos Espíritos

II. Felicidade que a prece proporciona

Agradecimentos a Deus

“A Vida é um hino de louvor a Deus, um poema de beleza, convite perene à gratidão.”
(Joanna de Ângelis)

Segundo os Benfeitores Espirituais, a três coisas podemos propor-nos por meio da prece: **louvar, pedir e agradecer.**

De maneira bem generalizada, raríssimas criaturas põem-se a orar tão somente para louvar e agradecer, vez que, normalmente, quando lançam aflitivas preces em direção aos Céus, outra coisa não fazem senão pedir.

A bem da verdade, tantas são as benesses emanadas do Mundo Maior em nossa direção, por vontade de Deus, que se ficássemos agradecendo vinte e quatro horas por dia ainda estaríamos em débito para com a Divindade.

Ao contrário do que pode parecer, não estamos exagerando quando afirmamos que deveríamos agradecer a Deus o tempo todo; e podemos efetivamente fazê-lo: a nossa gratidão pode ser demonstrada através do amor que se expande de nosso coração e envolve a todos à nossa volta. Assim, podemos permanentemente agradecer a Deus por todo o bem que Ele nos envia e nos faz, irradiando ao nosso redor o mesmo amor que d'Ele recebemos, fortalecendo assim a fraternidade, a união e até mesmo a fé.

Foi o próprio Mestre quem afirmou: “Tudo o que fizerdes a um desses pequeninos é a mim que o fazeis”. Assim, todo gesto de beneficência que fizermos em favor dos filhos do calvário é como se fosse um agradecimento a Deus e a Jesus por tudo que recebemos d' Eles.

Atentemos nas sábias palavras de Joanna de Ângelis (1), quando a bondosa Mentora se refere à gratidão:

Sem que seja necessário se faça um exame de outros órgãos de nosso corpo físico, basta que a criatura examine a extraordinária bomba cardíaca para ter motivos de sobra de agradecimento a Deus, sentindo-O pulsar na própria intimidade. Agradecer esse trabalho majestoso do coração, dia e noite, na alegria e na dor, no trabalho e no repouso, no prazer e na tristeza, mantendo a Vida, sem que ao menos no seu automatismo desperte a atenção, é o mínimo que a todos cumpre realizar com alegria e espontaneidade.

Agradece a Deus o coração maravilhosamente desenhado e construído para te auxiliar no processo da evolução, nas etapas reencarnatórias, e olvida as pequenezes a que te prendes, fomentando desequilíbrios evitáveis. Agradece, pois, a Deus, tua Vida, teu corpo, teu ser eterno que marcha vertiginosamente para Ele.

A Vida é um hino de louvor ao Pai Celestial, um poema de beleza, convite perene à gratidão. Por isso, há somente razões para o agradecimento e bem poucas necessidades para solicitações. Seja a tua a gratidão silenciosa que opera no bem, porque este é o estímulo constante da tua existência.

A fidelidade aos compromissos nobres, aos quais aderiste, espalhando ondas de otimismo e de esperança; a atitude paciente e bondosa ao lado daqueles que se desequilibraram e sentem-se a sós; a prece ungida de amor, em favor dos enfermos, dos inquietos e dos adversários; a perseverança nas ações relevantes quando outros desertaram; o clima mental de fé e de união

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXVII)

com tudo e todos, sejam as maneiras de expressares gratidão a Deus e à Vida pela honra de estares consciente da tua existência e presença no Universo.

A tua gratidão seja o amor que se expande e mimetiza a todos quantos se acercem de ti, experimentando a dita de viver.

Bibliografia:

- (1) **Ângelis** Joanna de, Filho de Deus, (psicografia Divaldo Franco), (fragmentos dos capítulos 29 e 30.)